

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 116 / OUTUBRO, 1998 / Nº 2.035

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – Prudência	2
O Codificador - Juvanir Borges de Souza	3
O Materialismo - Paulo Henrique D. Vieira	7
Breve Ensaio sobre o Mal - Joanna de Ângelis	9
Pára e Pensa! - Mauro Paiva Fonseca	13
Evangelização - Tarefa Sublime - Walter Oliveira Alves	15
As Razões da Velhice - Carlos Augusto Abranches	17
Sinais Precursores do Espiritismo - Rogério Coelho	20
A Redenção da Criança - Bezerra	22
Somos Deuses - Maria Nazaré de C. Laroca	23
Transição - Iaponan Albuquerque da Silva	24
Esplorando o Evangelho - Mãos à obra - Emmanuel	25
Allan Kardec - O Libertador de Consciências - A. Merci Spada Borges	26
A Justiça nos Evangelhos - Paulo de Tarso São Thiago	32
Deus Quer Misericórdia - Maria Dolores	35
Educação Moral e Evangelho - Geraldo Goulart	36
FEB/CFN - Reunião em Brasília - Novembro de 1998	38
A FEB e o Esperanto - Affonso Soares	
Um Esperantista Brasileiro no Japão	39
O Esperanto na CNN	41
O Transplante de Órgãos na Visão Espírita - Evandro Noleto Bezerra	43
O Perdão das Ofensas - Robinson Soares Pereira	47
FEB/CFN - Comissões Regionais - Reunião da Comissão Regional Centro	49
XIII CEERJ	52
A FEB na Internet	52
Seara Espírita	53

Nota: Livro mediúnico, escrito para a infância, que ilustra nossa capa - "O Peixinho e o Rio", de autoria espiritual de Vovó Amália, psicografado por Robson Dias. O sentido que emerge do fundo da história está na excelência das ações boas e dignificantes para construir a paz e a felicidade entre os seres. Palavras e belos discursos podem ajudar, mas muito mais vale o exemplo das boas ações para conduzir ao bem todos os homens.

Editorial

Prudência

Levantou-se dentro do Movimento Espírita, nos últimos tempos, a questão de se saber se Allan Kardec, o Codificador da Doutrina dos Espíritos, estaria ou não reencarnado.

O Assunto não é novo. O próprio Codificador dele se ocupou quando, em 17 de janeiro de 1857, recebeu carta do Espírito Z (Zéfiro), através da médium Srta. Baudin, na qual era informado, entre outras coisas:

“Mas, ah! a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo! Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. Terás que voltar, **reencarnado noutra corpo**, para completar o que houveres começado e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela Terra.” *

Há referências de que, pelos cálculos do Codificador e de outros militantes do Movimento Espírita, a reencarnação de Allan Kardec se daria no fim do século passado ou no princípio do século XX, quando se esperava que o Espiritismo estaria vitorioso e reconhecido em todo o mundo.

A realidade que presenciamos, entretanto, é bem diferente.

O Movimento Espírita, na pátria de origem da Doutrina, quase desapareceu, o mesmo ocorrendo em outros países da Europa, sendo hoje sustentado por obreiros dedicados que encontram enormes dificuldades na sua divulgação.

No Brasil, para onde foi transplantado o Espiritismo, ainda no século passado, seu Movimento se tornou pujante, constituindo ele uma das minorias, mas longe se encontra do estágio que almejamos.

Diante desse quadro de realidades, valeria a pena especular a respeito da reencarnação do Codificador, nessa ou naquela personalidade?

Se a Espiritualidade Superior julgar útil que os homens reconheçam, numa determinada personalidade, a individualidade admirável de Allan Kardec, tem ela os meios e os poderes necessários para tanto.

Mas, se temos pela frente tantas dificuldades a transpor, inúmeros problemas que compete ao Movimento resolver, até mesmo os da sua própria unidade e identidade, não será lógico que cuidemos dessas questões com afinco, buscando soluções importantes, antes de cogitar de hipóteses por vezes temerárias, sem maiores conseqüências práticas?

Confiemos no Cristo, em Ismael, em Emmanuel e em tantos outros Espíritos tutelares do nosso Movimento. Tenhamos prudência, esperando que a Espiritualidade nos revele, na hora certa, aquilo que for de nosso interesse espiritual, mas não descuremos da vigilância permanente. ■

* Allan Kardec. *Obras Póstumas*, 26ª ed. FEB, pág. 291.

O Codificador

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Muito se tem falado e escrito sobre a vida e a obra de Allan Kardec. É evidente sinal de que se trata de personalidade que conquistou, por méritos, o reconhecimento não somente de seus contemporâneos, mas dos milhões de seres que se beneficiam, continuamente, do que realizou como missionário vitorioso.

Os espíritas têm plena consciência de que a Nova Revelação não é obra humana, na sua essência. Procede da Espiritualidade Superior, com o Cristo de Deus, o Governador Espiritual deste orbe, à frente de uma plêiade de Espíritos escolhidos para dar cumprimento à promessa da vinda do Consolador.

Mas a corporificação, no mundo dos homens, do projeto superior da Espiritualidade exigia um mediador, um trabalhador com excepcionais qualidades, que se caracterizasse também pela fidelidade ao compromisso de dar execução à missão.

Allan Kardec foi esse mediador fiel.

Dar corpo a uma doutrina de índole superior, como a Doutrina Espírita, num mundo inferior, dominado por crenças que levam ao fanatismo, por paixões desenfreadas, pela violência geradora de guerras entre nações, pelo fascínio dos bens materiais e pela ignorância das realidades que transcendem à percepção dos sentidos físicos - eis a missão especial conferida ao Codificador.

Apesar de todas as mazelas que caracterizam um mundo moralmente atrasado, como a Terra, no qual predominam o mal e a ignorância, pode-se perceber que há uma orientação superior, um Governo Espiritual que planeja o progresso, que dá execução às leis divinas, que programa a evolução coletiva dos seus habitantes.

Qual a razão de ser tão lento o progresso moral e intelectual de um mundo como o nosso, já que a evolução contínua é um determinismo da lei divina?

A resposta a essa indagação está na Doutrina dos Espíritos. Ela diverge dos ensinamentos das filosofias e religiões tradicionais, ao atribuir aos próprios Espíritos o esforço necessário à sua evolução.

O Espiritismo não admite a doutrina da graça, nem a salvação simplesmente pela fé, ou pelo sangue do Cristo, como entendem as religiões tradicionais oriundas do Cristianismo.

Para a Doutrina Espírita cada ser evolui em função de seu próprio esforço, de seu livre-arbítrio empregado na busca do bem, na conquista do conhecimento e das virtudes.

A Justiça Divina é sempre igual, precisa, equânime para todos. Todos partem do mesmo ponto: simples e ignorante, mas capazes de escolher seus caminhos no bem ou no mal. Os que alcançaram a pureza e a perfeição são os que usaram sua liberdade no sentido do bem, que é tudo que se conforma com as leis divinas, retificando possíveis desvios em sua trajetória.

A evolução individual dos seres espirituais depende, pois, da aplicação, do esforço, do trabalho, da escolha dos caminhos certos de cada ser.

A assistência do Criador a cada individualidade é permanente e se faz presente sob inúmeras formas. Essa Assistência Superior estende-se às coletividades, grupos, nações, mundos.

À assistência do Cristo de Deus à Terra, que abriga cerca de 25 bilhões de Espíritos, se faz desde sua formação, muito antes do aparecimento do homem na crosta terrestre.

O Cristo é o Guia Espiritual deste orbe, por determinação do Pai Celestial.

Sua atuação no Mundo é constante, como executor da Vontade Divina.

Todos os povos, todas as civilizações tiveram a assistência do Mestre e Senhor, através de enviados e missionários encarregados de promover e ajudar o progresso individual e coletivo:

“A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da antigüidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evoluem numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impessoal, que é a essência da vida de todo o Universo, e no tradicionalismo de todas palpita a visão sublimada do Cristo, esperado em todos os pontos do globo”. (“A Caminho da Luz” - Emmanuel - F. C. Xavier - FEB - pág. 84 da 22ª ed.)

A assistência superior é, pois, permanente, mas cada indivíduo é livre para aceitar as induções positivas para o bem, ou as influências negativas para o contrário oposto.

A responsabilidade, em qualquer das opções, é sempre individual, intransferível.

Esse princípio da lei divina da liberdade de opção e da responsabilidade correspondente deixa à mostra a incoerência e a injustiça da doutrina da graça, da escolha de Deus e da salvação pelo *sangue de Cristo*. A Doutrina Espírita veio corrigir essa incoerência tão prejudicial aos seguidores de religiões exclusivistas, que se colocam em contradição com o ensino de Jesus: a cada um de acordo com suas obras. (Mateus, cap. XVI, v.27)

*

Em determinado momento da evolução humana na Terra, seu Governador Espiritual vem, pessoalmente, ratificar o que havia de correto nas antigas tradições e retificar os conceitos desviados da Lei. Ele mesmo declarou: “Não vim destruir a Lei, mas cumpri-la”.

A Mensagem do Cristo é admiravelmente sintetizada no “Amai-vos uns aos outros” e no amor a Deus sobre todas as coisas.

As lições exemplificadas pelo Mestre ficaram registradas por seus discípulos, nos Evangelhos. Elas correspondem a verdadeira revolução espiritual no mundo e permanecem há dois milênios entre nós.

Entretanto, a incapacidade de compreensão e de interpretação, os interesses pessoais, a ignorância aliada ao poder temporal, a ambição, o orgulho e o egoísmo humanos alteraram de tal forma a Mensagem primitiva do mestre, que se tornou imprescindível nova retificação, prevista por Ele ao prometer o Consolador.

Mais de dezoito séculos se passaram.

O Mundo transformou-se profundamente em função dos conhecimentos científicos, da modificação dos usos e costumes, da tecnologia cada vez mais avançada, dos descobrimentos de novos continentes, da ampliação extraordinária

das populações humanas e das contínuas metamorfoses sociais.

Houve inegável progresso intelectual, material, científico. Mas o progresso moral não ocorreu na mesma proporção, entravado, em grande parte, pelas religiões e filosofias divorciadas da realidade da vida espiritual do homem.

Era chegada a hora aprazada do Consolador prometido, para retificar desvios, amparar a fé com base na razão e preservar o tesouro do Evangelho de Amor, soterrado e eclipsado pelos interesses humanos.

No plano superior da Espiritualidade, o Cristo organiza os trabalhos do novo auxílio à Humanidade. O Espírito de Verdade, com um séquito de auxiliares por Ele escolhidos, planeja a Nova Revelação, que teria natureza diferente das anteriores, por ser divina na sua origem e por ser obra da cooperação dos próprios homens, no seu entendimento e na sua execução.

Allan Kardec foi o Espírito escolhido para a difícil missão de observar, experimentar, organizar e intermediar os ensinamentos da Espiritualidade Superior, tornando-os compreensíveis aos homens.

Uma missão de tal natureza somente poderia ser cumprida por Espírito dotado de grandes virtudes morais e intelectuais, adquiridas através de múltiplas experiências vivenciais. Ao que se sabe, o professor Rivail não se preparou para a árdua tarefa somente na última encarnação. Sua trajetória vinha de milênios e ele mesmo teve ciência de algumas vivências passadas.

Como sistematizador de uma doutrina que foi revelada paulatinamente, tanto experimentalmente nos seus fundamentos científicos, quanto construída nos seus aspectos filosóficos, morais e religiosos, o Codificador não poderia ser uma alma dada à credulidade fácil, nem posicionar-se como negativista sistemático.

Os fatos com que deparava eram inusitados, incomuns. Os médiuns, intermediários entre dois planos, eram em grande número. As informações, por vezes contraditórias, precisavam ser confirmadas, ou repelidas. A incredulidade de muitos vicejava ao lado da ingenuidade de outros. Às dificuldades naturais da tarefa, somavam-se as oposições sistemáticas, as calúnias, a difamação, as incompreensões, a inveja de muitos opositores.

Vencer tantos óbices sem se desviar do objetivo essencial, eis o que é admirável na figura do Codificador.

O discípulo dedicado do Mestre Incomparável triunfou sobre o ceticismo, descortinando o Plano Invisível.

Organizou, com as informações e revelações da Espiritualidade Superior uma Nova Doutrina, bela, realista, elucidativa, consoladora. Resgatou a autêntica doutrina de Jesus, na sua significação primitiva, escoimando-a do dogmatismo imposto pelos homens.

O século XIX presenciou o advento de idéias materialistas, que iriam desaguar em movimentos sociais e políticos no século seguinte, entre os quais o Manifesto Comunista de 1848 e o Positivismo de Augusto Comte.

Esse século, que também viu surgir a navegação a vapor, o telégrafo e o telefone, a locomotiva, a fotografia, a anestesia, a turbina a vapor, a máquina de escrever, a luz elétrica, o fonógrafo, o sismógrafo, a linotipo, o cinematógrafo, o automóvel e muitas outras invenções que revolucionaram os transportes, as comunicações a distância, a medicina e várias outras atividades humanas, seria marcado também pela recepção da Nova Luz, a Terceira Revelação, o Consolador prometido como revivescência do Evangelho de Jesus, a se opor às idéias materialistas tão prejudiciais à evolução espiritual deste Planeta.

O Codificador, o intermediário entre a Espiritualidade Superior e os

homens, atendendo aos poderes maiores da vida, conquistou também, por seu trabalho excepcional, o reconhecimento dos trabalhadores da última hora e a auréola dos missionários vitoriosos. ■

O Materialismo

PAULO HENRIQUE D. VIEIRA

Materialismo é o “sistema dos que julgam que, no universo, tudo é matéria, não havendo substância imaterial”.¹ Esta talvez seja uma das conceituações mais clássicas da palavra materialismo. O Espiritismo foi uma espécie de freio às idéias materialistas do século XIX. Podemos identificar a fonte das idéias materialistas no colapso do Feudalismo, no Renascimento e no Iluminismo.

Os pensadores materialistas confiaram na razão e nas ciências como motores do progresso, esquecendo a necessidade dos postulados morais na vida do homem, uma vez que progresso intelectual não implica necessariamente progresso moral. Na questão 148 de “O Livro dos Espíritos”, Kardec interroga os Espíritos sobre se o aprofundamento do homem na ciência não o leva ao materialismo. Eles esclarecem: “Não é exato que o materialismo seja uma consequência desses estudos. O homem é que deles tira uma consequência falsa, pela razão de lhe ser dado abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. Acresce que o *nada* os amedronta mais do que eles queriam que parecesse, e os espíritos fortes, quase sempre, são antes fanfarrões do que bravos. Na sua maioria, só são materialistas porque não têm com que encher o vazio do abismo que diante deles se abre. Mostrei-lhes uma âncora de salvação e a ela se agarrarão pressurosamente”.²

O Espiritismo veio reafirmar aos homens a necessidade do desenvolvimento do senso moral para a consolidação do progresso da Humanidade.

Considerando a vida apenas um “acaso”, uma existência única, o indivíduo imbuído de tais idéias sente-se desestimulado para abraçar uma existência digna, preferindo uma vida em que não raro constrói a sua felicidade em cima do infortúnio alheio.

A imortalidade da alma e a reencarnação descortinam novos horizontes para o homem. Sabendo ele que o fenômeno da morte biológica não significa o aniquilamento da vida, ele se arma de novos recursos para suportar as dificuldades e vicissitudes da existência, porque adquire consciência de que a dor e os obstáculos são necessidades do Espírito para sua depuração e evolução.

Ele se enche de esperança, estimulado a se reformar moralmente e a extirpar os defeitos que ainda lhe caracterizam a individualidade, tendo em vista a sua felicidade futura.

Diante disso, o nada não perde o sentido? Os Espíritos vêm nos dizer que o sepulcro que o materialista considerava como o nada, não passa de uma transformação e o início de uma nova jornada.

Quantos suicídios podem ser evitados pela Doutrina dos Espíritos, por deixar claro que a morte não existe e que suicidar-se é apenas fugir da luta!

Além de tudo isso, a imortalidade da alma e a reencarnação vêm mostrar-nos que não nos devemos apegar demasiadamente aos bens terrestres, pois em verdade não possuímos nem o nosso próprio corpo, do qual um dia a morte nos despojará; que por nossa origem espiritual somos verdadeiramente irmãos uns dos outros, filhos de Deus - o Criador dos Espíritos.

No dia em que as idéias espíritas estiverem vulgarizadas o suficiente, não

se praticarão mais abortos, que impedem o Espírito reencarnante de passar pelas provas necessárias e progredir.

Os criminosos e delinqüentes não serão mais relegados a prisões infectas e úmidas, pois se compreenderá que todo aquele que se entrega ao mal é um doente do sentimento, requisitando amparo e compaixão.

Concluimos, assim, que é missão da Doutrina Espírita reformar a Humanidade moralmente, pois o Espiritismo, como Ciência, Filosofia e Religião, aborda todos os ângulos pertinentes ao desenvolvimento do ser em todos os aspectos da vida.

Léon Denis chegou mesmo a proclamar no Congresso Espírita de Paris, em 1925, e no seu livro “Le Génie Celtique et le Monde Invisible” (O Gênio Céltico e o Mundo Invisível), de 1927, que o Espiritismo tende a reunir e fundir, numa síntese preciosa, todas as formas do pensamento e da ciência. ■

1. “Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa”, Cia. Melhoramentos de São Paulo - 1998.

2. “O Livros dos Espíritos”, Parte 2ª, perg. nº 148, cap. II., item 3 - Materialismo, 79ª ed. FEB. 1997, p.109.

Breve Ensaio Sobre o Mal

“O bem é tudo aquilo que é conforme à lei de Deus, o mal tudo que lhe é contrário”. (...) (“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec - questão 630 - FEB, 29ª ed.)

Persiste no espírito humano a tendência para o mal, como ressonância do primarismo ancestral das experiências transatas da evolução.

Platão identificou-a nas suas observações profundas, denominando-a como a **face escura** do ser, portanto, desconhecida, e Carl Gustav Jung constatou-a nos estudos da personalidade, a que chamou de **sombra**.

Aí permanecem os impulsos da violência e da agressividade, as paixões escravizadoras, os instintos indomados que respondem pelo retardamento da auto-iluminação.

Trata-se do **eu inferior**, que representa um perigo para o indivíduo, que dever ser identificado, a fim de ser combatido com a luz do discernimento e do amor.

Quase sempre é visto nas demais pessoas, como enfermidades da alma, que se responsabilizam pelos incontáveis danos causados às outras criaturas ou à sociedade em geral.

Quanto mais desconhecido do mundo íntimo, mais perturbações e prejuízos o mal ocasiona.

O Espírito não é mau em razão da sua origem divina, porém nele permanece o mal, como a ganga retida na gema preciosa ou o escalracho mesclado ao trigo bom na mesma gleba.

Ignorá-lo, é uma forma de deixá-lo livre e em expansão permitindo-lhe manifestações freqüentes e danosas no comportamento.

Outrossim, tentar esmagá-lo através de atitudes rígidas torna-se tarefa inútil, porquanto, à medida que for privado de exteriorizar-se, mais vigor adquire até o momento em que explodirá com virulência danosa.

Quando uma força pressiona e encontra resistência, prossegue até à liberação da sua carga, arrebentando ou sendo desarmada.

O comportamento correto em tal caso é aquele que leva à sua identificação - ao impulso - e à capacidade de resistência que possui.

No processo de desenvolvimento antropológico, o biótipo mais forte sobreviveu sobre os demais em razão da brutalidade, do volume e da astúcia na luta pela vida.

À medida que o homem desenvolveu a inteligência e aplicou-a para proteger-se e preservar a espécie, adquiriu o poder de vencer as feras e os animais gigantescos. Como decorrência, ficou a presença do mal nele dominante, que vem aplicando contra si mesmo - autodestruição, excessos nos vícios - e contra os outros - furtos e roubos, calúnias, perseguições, homicídios e guerras que ameaçam toda a civilização.

A fim de conscientizar-se do mal em si mesmo, faz-se imprescindível o aprofundamento do auto-exame, para encontrar os pontos vulneráveis que o despertam e o desencadeiam, predispondo-o para a agressão.

Todos os indivíduos são vulneráveis às aflições, que decorrem das enfermidades, das pressões, das agressões, dos distúrbios psicológicos.

Na infância, essas emoções se apresentam como movimentos desordenados, choro, refletindo a importância da criança diante da dor, do desconforto, de alguma necessidade biológica...

Mais tarde, expressando-se como medo ou raiva, ela morde e, por fim, com maior recurso de mobilidade, bate, golpeia, foge ou planeja desforço.

Conforme o ambiente na família, particularmente a mãe, com quem mantém maior convivência, o mal que é inerente na infância se desenvolve, tomando vulto ou diluindo-se em grande parte.

Na idade adulta, em razão de outros sentimentos, como vergonha e culpa, que geram tensão, aumentam o medo e a raiva, estimulando à prática do mal, como vingança ou forma cruel de sobrevivência.

O mal pode ser considerado uma emoção de emergência, que irrompe com violência quando teme, ou permanece em silêncio, agindo soturnamente e perturbando aquele que lhe experimenta a constrição.

Quando o mal se manifesta em ação estimula o sistema nervoso simpático supra-renal que fornece energia para a ação nefasta - a luta - ou para a fuga, até que uma oportunidade própria se lhe desenhe favorável, a fim de descarregar a tensão.

À medida que aumenta essa força e não se faz liberada, o medo se transforma em raiva, que cresce até tornar-se fúria, que pode, às vezes, levar ao pânico.

A criatura teme a dor.

Tudo que a conduz ao sofrimento, se não tem o medo sob o controle da vontade, e não domina a raiva, o mal se exterioriza para agredir e relaxar-se.

Certamente, a vontade não tem maior ação sobre o medo que irrompe com ou sem motivo lógico, e apavora, mas possui grande ascendência sobre a raiva que pode ser administrada.

A raiva não pode ser considerada uma manifestação destrutiva mas sim uma reação orgânica, porquanto desaparece, quando lhe cessa a causa.

Quando o indivíduo se vê sitiado, o mal nele existente se transforma em fúria, que tudo arrebenta e destrói.

A fúria enceguece, obliterando o raciocínio e anulando a vontade.

A culpa sempre irrompe após as atitudes que afligem as demais pessoas, causadas intencionalmente ou não.

De início, é um sentimento de vergonha da própria inferioridade, que cresce e se transforma.

O desabrochar do sentimento de culpa proporciona a sensação de haver perdido o respeito que inspirava a afeição que recebia, gerando desconfiança e instabilidade.

A vergonha da ação praticada produz humilhação e rejeição, empurrando para o desconforto emocional e as suspeitas infundadas, em batalha mental constante que aturde o ser.

Quando se trata de uma pessoa madura psicologicamente, desperta e procura os meios para a reparação. Porém, quando se é infantil emocionalmente, foge-se, tomado pela vergonha do erro, procurando mecanismo de autojustificação ou de autopunição, que desencadeia o mal adormecido e faz que se converta em mágoa contra si mesmo ou àquele que foi o seu causador.

A falta de responsabilidade induz à acusação a outrem, por haver criado as circunstâncias que desencadearam o incidente, mesmo que elas não existam. É esta uma forma infantil de o infrator autojustificar-se.

O conflito predominante no ser impede-o de discernir com clareza, levando-o a atribuir a culpa a outras pessoas e quase nunca a ele próprio.

Um dia, porém, surge, em que o mal libera a consciência e a percepção racional corrige o entendimento do fato, advindo a necessidade da reparação.

Igualmente, quando se padece de insegurança e medo, a ação negativa se transforma em mecanismo de autopunição, transtornando o comportamento psicológico.

A vergonha e a culpa devem ser trabalhadas com espontaneidade, com segurança, a partir do momento em que a pessoa se considere humana, portanto, sujeita a julgamentos e atos equivocados, que pode e deve corrigir.

A descoberta do mal interior, que se disfarça com as roupagens de sentimentos variados, contribui para a sua erradicação, terapeuticamente investindo-se na saúde emocional, espiritual e comportamental.

Não se trata de um empreendimento fácil, nem rápido.

A eliminação de um condicionamento ocorre mediante o esforço de o substituir por outro, no caso, um que seja saudável e benfazejo.

Qualquer espaço em aberto se preenche com facilidade, ou fica vulnerável à reinstalação do hábito anterior.

A cada impulso negativo, do mal existente, deve-se aplicar uma formulação racional, tranqüila, que transforma a reação agressiva ou vil em ação dignificante e paciente.

A personalidade é um abismo ainda desconhecido com **mistérios** complexos para serem desvendados.

No inconsciente do ser dormem milênios em que encontram os impulsos automáticos, que a razão vem superando, mas necessitam ser decodificados, para, logo diluídos, cederem lugar às ações edificantes.

Herdando as experiências transatas, o ser humano fixou-as no inconsciente que, de alguma forma, passa a dirigir-lhe a conduta nesse árduo trânsito para a autoconsciência, quando poderá e saberá agir com equilíbrio respeitando a **lei de Deus** e tudo realizando conforme as suas disposições.

O mal é a ausência do bem, sem dúvida, que ainda não se instalou e que contribui para agredir a vida, perturbá-la e até tentar extingui-la.

A sua existência é real, enquanto permanece afligindo e gerando a dor, que induzirá, por fim, àquele que o experimenta, a uma radical mudança de conduta.

Negar-lhe a **realidade** constitui perigosa forma de escamoteá-lo,.

Essa natureza do **eu inferior** deverá ceder lugar à totalidade do **eu superior**.

O mal é, desse modo, um impulso inconsciente, automático, que emerge do **abismo** do ser, como mecanismo de sobrevivência, e lhe desata tendências perturbadoras, que se lhe encontravam jungidas.

Residindo no imo do ser, tais tendências são psicogênicas, e os fatores externos não as produzem, sejam quais forem os estímulos que se apresentem. Esses somente serão aceitos mediante ressonância por sintonia de onda vibratória que os sincronizem.

Muitas imagens perversas e vulgares da propaganda pela mídia, que a diversos perturbam, a outros, de maneira alguma sensibilizam.

Quando há, porém, o impulso latente do mal, os estímulos externos despertam-nos ou vitalizam-nos, caso já se encontrem em ação.

Na terapia para a diluição do mal, o amor exerce função essencial, por oferecer segurança àquele que se faz vítima da distonia produzida pelo instinto, auxiliando-o a educar a vontade, a corrigir a óptica pela qual observa a vida e a avançar na ação do bem etapa-a-etapa, desde que essa mudança não se faça de chofre ou sob o encantamento do entusiasmo de um momento.

Exercícios mentais de reflexão em torno de pensamentos edificantes, análises sobre vidas abnegadas contribuem para a instalação de paisagens otimistas no ser, onde se pode respirar o bem-estar, sem os aguilhões da inveja, do egoísmo, da agressividade.

O auto-exame dos atos e a vigilância na conduta igualmente facultam o clima para a preceterapia libertadora, que eleva o Espírito e o envolve em vibrações superiores que o penetram e o desalgemando do mal, a fim de que possa aplicar-se ao bem, **conforme a lei de Deus.** ■

JOANNA DE ÂNGELIS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúnica da noite de 29 de abril de 1998, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia).

Pára e Pensa!

MAURO PAIVA FONSECA

Se nascemos sem que seja por nossa vontade, se sofreremos sem desejarmos o sofrimento, se inevitavelmente morreremos, embora não desejemos a morte, o bom senso está a nos dizer que precisamos meditar sobre a vida; pois há muitos “porquês” a serem respondidos.

Os atributos e condicionamentos que trazemos ao nascer dependeram de nós mesmos, porque fomos os arquitetos do nosso porvir. A forma, as limitações e o meio onde somos colocados na vida física indicam um processo altamente seletivo, que posiciona cada criatura na situação que otimizará o aproveitamento no processo evolutivo.

Luminares da Espiritualidade planejam, com perfeição de detalhes, o roteiro que nos competirá percorrer, examinando pormenores, para avaliar-lhes a real eficiência em nossa economia evolutiva. Tudo é planejado sob o determinismo divino: o determinismo do bem! Ele é o parâmetro ao qual são referenciados os acontecimentos inevitáveis da existência. Nossas necessidades de Espíritos em aperfeiçoamento são por eles bem conhecidas, pois se acham inscritas em nossa natureza perispiritual, em sua totalidade, de onde extraem os elementos necessários à composição do roteiro reencarnatório.

Ao tentarmos violar o equilíbrio das forças que determinam os acontecimentos indispensáveis, estaremos criando outros que, automaticamente, tendem a reequilibrar aquilo que desequilibramos.

Com a liberdade e o livre-arbítrio de que desfrutamos, geramos determinismo a que popularmente se denomina “destino”. Entretanto, não há nele fatalidade; as dores, e os sofrimentos que nos visitam durante a existência, por inevitável imposição da lei do progresso, poderão ser adoçados com a resignação e a humildade, ou agravados com o ácido da rebeldia, da revolta e da inconformação.

Cativos da matéria, estamos encarnados para o trabalho incessante de escoimar do próprio acervo os erros, as fraquezas e os maus sentimentos, porque eles são os responsáveis pela permanência nos processos reencarnatórios, os quais, para serem superados, dependerão dos esforços empreendidos em cada etapa.

A morte, todos o sabemos, é uma fatalidade para todos; é o processo inevitável no transformismo fenomênico; mas ela não existe como realidade destruidora, pois que, na verdade, é apenas a continuação da vida. Por essa razão, não poderemos viver como se tudo terminasse no túmulo; nem nos conformarmos em desconhecer o que vem depois. Há milênios, o homem perquire os mistérios da morte, para compreender a sobrevivência além-túmulo. Todos os que se sentem portadores de alguma inteligência não poderão ficar indiferentes, aceitando um futuro desconhecido, sem buscar-lhe o conhecimento, pesquisando as razões e a lógica da vida.

Eis que o Cristo procura acordar-nos declarando: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará...” Neste chamamento, estará implícito o esforço necessário a cada um, para alcançar a verdade libertadora.

Do infinito, as trombetas já soam numa vibrante alvorada, para acordar os retardatários. A indiferença e a negligência são crimes contra nós próprios; elas amodorraram a razão e sentimento, transformando-nos em joguetes das forças cegas da Natureza. Até que o homem se decida assumir o comando, tomando as rédeas da vida para orientá-la com segurança e conhecimento, estará à mercê do sofrimento e da dor.

A força propulsora, no-la oferece o Pai Celestial; a bússola para orientá-la é o Evangelho de Jesus, Caminho, Verdade e Vida; e o manancial que no-lo explica em espírito e verdade é a Terceira Revelação, este repositório completo de conhecimentos chamado Doutrina Espírita. ■

N.R. - Por um lapso, o artigo *A Síndrome do Exagero*, de Mauro Paiva Fonseca, publicado em junho passado, saiu com o nome do autor alterado para Mário Paiva Fonseca.

Evangelização - Tarefa Sublime

WALTER OLIVEIRA ALVES

A Doutrina Espírita representa, hoje, elevada escola de educação do Espírito, a serviço de Jesus, com a grandiosa tarefa da edificação do Reino de Deus na Terra, reino esse que se inicia no interior de cada um. Nesse aspecto, a tarefa de evangelização da criança e do jovem assume um caráter da mais alta importância em todo o Movimento Espírita.

A Casa Espírita deve preparar-se para essa grandiosa tarefa, a serviço de Jesus. À guisa de colaboração a esse movimento que se amplia por toda parte, traçamos abaixo alguns itens que julgamos de grande importância nessa atividade educativa por excelência.

Precisamos olhar a criança em sua verdadeira natureza de Espírito imortal, filho de Deus, dotado do germe da perfeição, que renasce para evoluir, para desenvolver suas potencialidades.

Nas obras de André Luiz, especialmente em “Evolução em Dois Mundos” e “No Mundo Maior”, percebemos que evoluímos pelo *esforço próprio*, pela *ação*, pela *atividade*, interagindo com o meio físico e espiritual, através de múltiplas experiências. A evangelização, por isso, deve optar por uma *metodologia ativa*, dinâmica, onde a criança seja co-participante de seu próprio processo educativo, vivenciando as experiências, sentindo, compreendendo e vibrando em cada atividade, desenvolvendo, assim, gradualmente suas potencialidades, encaminhando-se para a sua autonomia moral e intelectual, como ser que *pensa, sente e age* no bem. Ajustamos, assim, o processo educativo à recomendação de Jesus: “*A cada um segundo as suas obras*” e também “*aquele que ouve minhas palavras e as pratica (...)*”.

Parece-nos de grande importância a criação de processos de *cooperação* entre as crianças e os jovens, incentivando a ajuda mútua, a colaboração e não a concorrência. Estaremos, assim, praticando a recomendação de Jesus: “*Faça ao outro o que gostaria que fizesse a você*”.

Precisamos também utilizar a *energia criadora* do Espírito em todo processo educativo, propiciando atividades que levem a criança e o jovem a utilizar e ampliar essa imensa energia propulsora da vida e do progresso, herança de Deus, Pai e Criador, dirigindo-a para os canais superiores da vida, de forma a oferecer-lhes atividades dinâmicas, ativas e criativas, em ambiente de cooperação e ajuda mútua.

Surge ainda, nesse processo educativo, a necessidade da vivência do *amor*, dos *laços afetivos* que devem existir entre as crianças, jovens, evangelizadores e coordenadores de estudo, como prática efetiva da recomendação maior do Mestre: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*”, e a necessidade de o evangelizador exteriorizar esse amor em seus gestos, palavras, ações... Naturalmente que o amor no sentido das palavras de Jesus deve ser o amor que auxilia, que ampara, que ajuda o outro a crescer, a evoluir... Destaca-se também a importância do exemplo, da vivência, da vibração do próprio evangelizador, na maravilhosa exortação de Jesus: “*Brilhe vossa luz*”.

Percebemos, pois, a necessidade de atividades tanto na horizontalidade de nosso mundo, desenvolvendo a razão, quanto na verticalidade, desenvolvendo o sentimento, a sensibilidade que nos propicia sintonia com as esferas superiores da vida, procurando ampliar a capacidade vibratória da criança e do jovem para

uma sintonia mais elevada.

Evangelizar é também um processo natural de espiritualização do ser, de desenvolvimento das potências anímicas do ser espiritual que somos todos nós, Espíritos imortais, filhos de Deus, a caminho da perfeição. Em síntese: o desenvolvimento do Reino de Deus dentro de cada um, atendendo ao eloqüente apelo de Jesus: *“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus, e tudo o mais virá por acréscimo”*.

Para isso, destaca-se também a importância da arte no processo de evangelização, tanto da literatura quanto das artes plásticas, do teatro, da dança e da música. Muitas vezes apenas o intelecto, a razão não consegue atingir certos estados vibratórios superiores. As artes, em especial a música, o teatro e a dança, permitem-nos oferecer à criança e ao jovem a oportunidade de ingresso em frequência de nível elevado. A música, por exemplo, é vibração e pode nos auxiliar na sintonia com o Mais Alto.

Propôs-se, assim, o desenvolvimento das potências do Espírito, do intelecto, da razão, do sentimento do amor, como base fundamental da Doutrina Espírita, tal a proposta do Mestre Jesus, na ampliação da nossa faixa de frequência vibratória. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do poder criador do Espírito conduzi-lo-á à reeducação, ao progresso e à evolução constante, com vistas a uma nova civilização para o Terceiro Milênio. Essas mudanças no modo de pensar, de sentir e de agir produzirão um homem mais espiritualizado, capaz de vibrar em sintonia com o Pai, construindo o Reino de Deus na Terra, a partir da construção do Reino interior de cada um.

A evangelização assume, pois, um caráter da mais alta importância no momento evolutivo que vivemos, como mola propulsora de todo o progresso para uma Nova Era, que necessita do trabalho, do esforço, dedicação e amor de todos nós e de todos os Espíritos que aqui renascerão e que precisam encontrar apoio e ambiente necessário ao Espírito: o Centro Espírita.

É imprescindível prestar toda a colaboração possível nas atividades da evangelização da criança e do jovem. Estaremos cooperando, não somente com a Campanha Permanente de Evangelização lançada pela Federação Espírita Brasileira, mas com o próprio Cristo na construção do Reino de Deus na Terra, que se inicia no coração de cada um. ■

As Razões da Velhice

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Passamos por três idades: a juventude, a maturidade e a “mas como você está ótimo”. - Cardeal Spellman.

Atenção para as palavras do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, materialista, apaixonadamente socialista e ateu convicto, quando perguntado sobre o que achava da velhice:

- Não vejo problema algum com minha idade. Nasci em 1907; desde cedo dediquei-me a ver a poesia que vibra nas curvas das imagens, e não apenas nas linhas retas e tensas; prossegui com afinco e dedicação em busca de meu crescimento, e hoje, com mais de 90 anos, posso afirmar que sou uma pessoa feliz. Ajudei as pessoas o quanto pude e aprendi a contemplar a natureza, de modo que todas essas coisas somadas, e muitas outras mais, me trazem a convicção da serenidade.

Belíssima a opinião de um homem declaradamente distante de qualquer compromisso religioso, da não obrigatoriedade de ter de adorar a Deus!

Vejamos agora outra visão, também importante, do jurista, cientista político e filósofo italiano Norberto Bobbio, acerca do mesmo assunto:

- Na minha experiência, que não tenciono generalizar, o que distingue a velhice da juventude, e também da maturidade, é a lentidão dos movimentos do corpo e da mente (...). O velho está naturalmente destinado a ficar para trás, enquanto os outros avançam. Ele pára. Senta-se num banco. De vez em quando precisa descansar um pouco. Os que estavam atrás o alcançam, o ultrapassam (...). Também as idéias demoram a surgir em sua cabeça. E, quando surgem, são sempre as mesmas. Que tédio! Não que o velho seja particularmente apegado às suas idéias. É que ele não tem outras. E, afinal, já não está dito tudo?

*

As opiniões de Bobbio, o mais respeitado e influente intelectual da Itália e um dos mais admirados e influentes do mundo, sobre as razões da velhice estão registrada no livro “O Tempo da Memória” (Ed. Campus), lançado na Itália em 1996 e no Brasil um ano depois. O autor, do alto de seus quase 90 anos (nasceu em 1909), sabe muito bem o que está dizendo, já que vive de elaborar idéias profundas e cortantes sobre temas complexos, como os que remetem à arte de aprender a viver.

É importante sentir o teor da diferença das opiniões de dois grandes homens da história contemporânea, para acrescentarmos, depois, alguns argumentos de caráter espírita sobre a questão do envelhecer. Quando trata da morte, por exemplo, Bobbio afirma que “dela, só os outros podem falar. Posso contar minha vida através das recordações minhas e daqueles que me foram próximos. Não posso contar minha morte. Só os outros podem fazê-lo (...). Ela é imprevisível para todos, mas para mim é também indizível”.

Um certo teor de amargura e sabedoria ressuma das páginas maduras do escritor italiano. Alguém pode até argumentar que ele, depois de tantas

colaborações ao engrandecimento das idéias, tem o direito de enxergar o estágio final da vida como queira. É lógico, não seremos nós que nos atreveremos a invadir o arcabouço de valores em que se estruturam suas opiniões.

Nossa intenção é ressaltar que outros anciãos, tão nobres quanto ele, conseguiram visualizar uma luz diferente no fim da viagem existencial, justamente porque se permitiram sintonizar com a perspectiva da continuidade da vida após a morte.

Acompanhemos a opinião dele, Bobbio, sobre a condição inevitável de morrer:

- O argumento mais forte para afirmar que a morte é o fim último, que a morte é mesmo a morte, é que se morre uma única vez (*sic*). Também aqueles que admitem uma segunda vida depois da morte não admitem uma segunda morte, porque a segunda vida, se existe, é eterna, é uma vida sem morte (*sic*).

As idéias deste grande mestre do pensamento, que tão bem soube explicar as articulações da filosofia política, não foram capazes de, ao extrapolar as convenções que envolvem os relacionamentos humanos, adentrar nos domínios do conhecimento do imponderável, de tudo que não se explica na concepção de uma só existência.

Para Bobbio, a velhice chegou como a experiência derradeira do existir... E nada mais do que isto. Claro que o pensador elaborou raciocínios belíssimos a respeito do tema, mas rigorosamente limitados pela falta de domínio de uma outra área do conhecimento - a que penetra além das fronteiras da imortalidade, onde a vida do homem finito, encarnado, ganha a dimensão da continuidade, a amplitude de vistas do espírito que vai prosseguir vivendo, a despeito da finalização de uma etapa reencarnatória.

O Talmude judaico afirma que “para o ignorante, a velhice é o inverno da vida; para o sábio, é a época da colheita”. Este é o mesmo sentido do pensamento do filósofo existencialista francês Albert Camus, quando considera que “envelhecer é o gesto de passar da paixão à compaixão”. Em nossa forma de ver, Norberto Bobbio é um sábio, mas poderia ter aproveitado os recursos intelectuais de que dispõe para escrever as últimas páginas desta sua encarnação com cores mais alegres e felizes.

*

Quem traduziu a velhice sob um ponto de vista nobremente espiritualizado foi Léon Denis, no livro “O Grande Enigma” (Ed. FEB). Para o filósofo francês, a velhice recapitula todo o livro da vida e resume os dons das outras épocas da existência, sem as ilusões, nem as paixões, nem os erros.

No livro citado, Denis escreve que o ancião “viu o nada de tudo quanto deixa; entreviu a certeza de tudo o que há de vir, é um vidente. Sabe, crê, vê, espera”.

Como que explicando ao Sr. Bobbio o que pode significar aquela lentidão na hora de caminhar e de pensar, Denis diz que “a velhice é uma espécie de sentinela avançada, na extrema fronteira da vida. Já tem um pé na terra prometida e vê a outra margem, a segunda vertente do destino. Daí, essas ausências estranhas, essas distrações prolongadas, que costumamos tomar por enfraquecimento mental e que são, em realidade, explorações momentâneas no Além, isto é, fenômenos de expatriação passageira”.

*

O Espírito Humberto de Campos também tratou do mesmo assunto em outra bela obra, “Boa Nova” (Ed. FEB), no cap. 9. No ambiente da pequena comunidade dos discípulos de Jesus, o autor mostra o entrelaçamento das opiniões, dentro do idealismo quente dos mais jovens.

Observando os projetos do futuro, Simão, mais tarde chamado o “zelote”, antigo pescador do lago, acompanhava tudo, humilhado. Era mais velho que a maioria, e começava a sentir o declínio de suas forças vitais.

Após expor os receios a Jesus, ouviu, do Mestre, a orientação que bem serve para todos nós. Disse-lhe Jesus: “A vida, na sua expressão terrestre, é como uma árvore grandiosa. A infância é a sua ramagem verdejante. A mocidade se constitui de suas flores perfumadas e formosas. A velhice é o fruto da experiência e da sabedoria”.

No complemento da explicação, afirmou Jesus:

- Em face da grandeza espiritual da vida, a existência humana é uma hora de aprendizado, no caminho infinito do Tempo; essa hora minúscula encerra o que existe no todo. É por isso que aí vemos, por vezes, jovens que falam com uma experiência milenária e velhos sem reflexão e sem esperança.

O Senhor ainda acrescenta uma afirmação definitiva, que nos faz a todos pensar, ao dizer: “Um velho sem esperança em Deus é um irmão triste da noite; mas eu venho trazer ao mundo as claridades de um dia perene”.

*

Feliz a velhice abençoada pelo conhecimento da Doutrina dos Espíritos. Felizes os idosos que dedicam seu tempo ao benefício do próximo, em vez de se lamentarem da existência. Semeiam, com o próprio exemplo, a paz de consciência dos dias de amanhã.

Diante do horizonte amplo que a reflexão espírita nos abre à frente dos olhos da alma, é evidente que só temos a agradecer a esses *velhos* maravilhosos tudo que deixaram para nós, sob a forma de opiniões amadurecidas.

O idoso sempre-jovem Chico Xavier, com seus quase 90 anos, prossegue trabalhando ininterruptamente no bem; o nobre irmão Divaldo Franco que, já na madureza, continua no labor da divulgação doutrinária como se fosse um jovem idealista de vinte e poucos anos; e o notável Norberto Bobbio, dono de imensa obra, que, se não foi capaz de olhar além da cortina de uma só vida, ensinou a muitos como entender inúmeros fenômenos da história de nosso tempo.

A nós outros, que nos encontramos a caminho do envelhecimento, que cheguemos até ele com a certeza de que as resistências vão mesmo, em algum instante, curvar-se diante do acúmulo de esforços e do cansaço, mas a alma seguirá sempre jovem e resoluta, prossequindo devagar no corpo, mas com um pé na imortalidade gloriosa das convicções imortais. ■

Sinais Precursores do Espiritismo

ROGÉRIO COELHO

“(...) e Eu rogarei ao Pai, e Ele vos enviará **outro Consolador...**” - Jesus.
(Jo.,14:16.)

O Espiritismo é um só: aquele que foi codificado por Allan Kardec em meados do século dezenove (1857).

Por mais paradoxal que possa parecer, o Espiritismo é novidade, mas não é novo. Sempre existiu desde que o mundo é mundo. Apenas o ignorávamos. Isso vem confirmar o brocardo: “*Não existe nada de novo sob o Sol*”.

Muito antes do aparecimento da Doutrina Espírita com Allan Kardec, na França, homens de alta inteligência possuíam intuição de sua realidade. Se não empregaram o termo Espiritismo, é porque este ainda não existia, uma vez que a palavra **Espiritismo** é um neologismo criado pelo Mestre Lionês com a precípua intenção de evitar se multiplicassem as causas já numerosas de anfibologia.

Há quase dois milênios e meio, Sócrates alinhava puras noções de Espiritismo a seus discípulos; e, assim, através da História da Humanidade, registramos inúmeros outros vexilários de tais conceitos.

Os fatos já existiam. Os dois mundos - material e espiritual - sempre coexistiram em plena interação.

A Codificação Espírita significou a ordenação, a disciplina dos fatos e sua transformação em corpo de doutrina, concretizando, destarte, a promessa de Jesus quanto à chegada do **outro Consolador** entre nós.

Quem seriamente estuda o Espiritismo nota, logo de início, a sua característica de Consolador, uma vez que Ele nos faculta o conhecimento do Mundo Espiritual que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem suspeitar, ao mesmo tempo que “*mata a morte*”, mostrando a imortalidade da alma e suas ilimitadas possibilidades de evolução através dos filtros palingenésicos, isto é, através da **reencarnação**.

Mostra-nos, também, a novel Doutrina dos Espíritos a origem, o destino e a razão de nossas existências, isto é, de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para onde vamos. Mas, não se trata de simples questões hipotéticas, teóricas e sim, de revelação científica, racional, incontestável...

A Revelação Espírita, por sua natureza, tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da Revelação Divina e da Revelação Científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem, porque os pontos fundamentais da Doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que eles ignoravam. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo, não dispensando o uso do raciocínio, do exame e do livre-arbítrio... Assim, é Divina a origem do Espiritismo, mas sua elaboração é fruto do trabalho do homem.

Lemos na Revue Spirite (Revista Espírita, tradução de Júlio Abreu Filho, de agosto de 1868, Editora Edicel) importantes e esclarecedores apontamentos sobre a trajetória do Espiritismo em nosso Orbe:

“Podem compreender-se sob o título geral de Espiritismo Retrospectivo os

pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao Espiritismo Moderno, isto é, até 1850, data na qual começaram as observações e os estudos sobre espécies de fenômenos. Não foi senão em 1857 que tais observações foram coordenadas em corpo de doutrina metódica e filosófica”.

O período do Espiritismo Moderno foi inaugurado com o advento da Codificação Kardequiana, constituída pelos cinco livros básicos: “O Livro dos Espíritos”, “O Livros dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”.

Na *Conclusão* (VI e VII) de “O Livro dos Espíritos”, esclarece, ainda, o ínclito Codificador (os destaques são nossos):

“Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá mimado a base. **Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso.** (...) Fala uma linguagem clara, sem ambigüidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, deseja-a para todo o mundo. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apóiam no nada (...)

As idéias espíritas, ao contrário, são um penhor de ordem e tranqüilidade, porque, pela sua influência, os homens se tornam melhores uns para com os outros, menos ávidos das coisas materiais e mais resignados aos decretos da Providência”.

Os que compreendem o Espiritismo filosófico - afirma Kardec - beneficiam-se, entre outras coisas, de três efeitos imediatos:

- 1º - Desenvolvimento do sentimento religioso;
- 2º - Resignação nas vicissitudes da vida;
- 3º - Estímulo à indulgência para com os defeitos alheios.

Assim compreendendo, observa Santo Agostinho no fecho à *Conclusão de “O Livro dos Espíritos”*:

“Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, por que lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro. (...)

Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do mundo? **Julgai-o pelas suas obras e pelos seus princípios.** Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. **Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus prediletos** e prediletos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até ele.”(Os destaques são nossos.) •

A Redenção da Criança

Quando celebramos o Dia da Criança, levando-lhe guloseimas e brinquedos, roupas e distrações, recordemos, com fé, a necessidade de repetirmos com o Mestre, inflamados de terno amor: “Deixai vir a mim os pequeninos. Deles é o reino dos céus”.

Certamente, todos se voltam para a criança, como cidadã do futuro, amparando-lhe a saúde e encaminhando-a aos bancos escolares para que se torne criatura educada e instruída, sonho de todos os pais, sonho dos adolescentes.

Todavia, para nós outros, é preciso também guiar-lhe os passos nas sendas do amor, ofertando-lhe a verdade crística, solicitando sua atenção para as sempiternas luzes.

Hoje, regressam ao mundo Espíritos que, mais evoluídos, buscam os recursos do Cristianismo Redivivo para vencerem as lutas e os débitos do passado. Evoluídos nas ciências terrestres, adaptados à instrução que se lhes apresenta em formosos programas, necessitam, porém, da Luz Divina, da Ciência do Espírito.

Imortais, como nós mesmos, estendem-nos as mãos, envolvidos em suave confiança, ansiosos de paz, de progresso. Não mais desejam recair nas falhas que os precipitaram em atrozes sofrimentos. Voltam-se para os cristãos declarados, afeitos às lições do Excelso Messias. Desejam encontrar o caminho da evolução que perderam no passado distante.

Cumpra-nos recebê-los e repetir com Jesus: “Vinde a mim as criancinhas”, e, ao abraçá-las, transmitir-lhes não só o amor que nos invade o coração, mas a promessa solene de ampará-las e guiá-las nas sendas da redenção, através da Doutrina do Consolador.

Sorriso da vida, alegria dos lares, crianças hoje, homens amanhã, Espíritos imortais, lírios que enfloram a Terra, perfumando-a, procuremos doar às nossas crianças a luz do Cristianismo, transmitindo-lhes conscienciosamente as sublimadas orientações do Senhor e Mestre.

Dever glorioso, preparação do nosso próprio futuro, amparemos a criança, auxiliando-a a libertar-se dos elos do passado, das cruéis cadeias do egoísmo e da vaidade, ensinando-lhe a amar e sublimar-se nos caminhos sagrados das Leis Divinas.

Auxiliemos nossas crianças e voltados para o Alto, supliquemos ao Pai inspiração e coragem para cumprirmos com denodo nossos deveres, entregando-nos a Ele para sempre. ■

BEZERRA

(Mensagem psicografada pela médium Maria Cecília Paiva, na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, RJ, na reunião pública da noite de 12-10-1976. Transcrita de REFORMADOR, de janeiro de 1977, pág. 29)

Somos Deuses

MARIA NAZARÉ DE C. LAROCA

Desde os tempos mais remotos, o ser humano tem sido atraído para o Foco divino por meio das variadas manifestações religiosas.

Essa atração resulta do pulsar da centelha de luz divina que existe em cada alma humana, da mais rudimentar à mais sublime, aperfeiçoando-se no envolver das vidas sucessivas.

Como filhos de Deus, somos herdeiros do Seu Reino e, por conseguinte, somos imortais. É o próprio Jesus que nos esclarece, quando cita o salmo 81:6, conforme se lê em João, 10:34: “Eu disse: **vós sois deuses**, sois todos filhos do Altíssimo”. E complementa mais adiante: “Aquele que crê em mim fará as obras que faço, e fará ainda maiores que estas (...)”. (João 14:12).

Nós somos deuses; todavia ainda não conseguimos vislumbrar a grandeza dessa revelação do Mestre. Vivenciamos o apogeu da Ciência e da Tecnologia, saturados das filosofias que se “desmancham no ar”, neste final de milênio; contudo não nos detivemos para avaliar a profundidade dessa formosa lição.

Dentro de nós reflete a fagulha que nos permite “acessar” Deus: **a consciência**, no seu incessante caminhar rumo à perfeição. “Portanto, sede perfeitos assim como vosso Pai celeste é perfeito.” (Mateus, 5:48). Se tal nos fosse impossível, Jesus não nos teria feito essa exortação. Somos perfectíveis. Renascemos com essa capacidade, esse poder. Por que então ignorá-lo? Para tanto, o Cristo nos mostrou o Caminho da Verdade e da Vida: o seu próprio exemplo. Basta segui-lo.

“Andai como filhos da luz”, proclama o apóstolo Paulo (Efésios, 5:8). “Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem vosso Pai que está nos céus”, aconselha-nos Jesus (Mateus, 5:16). Sejamos como a candeia que ilumina, queimando o seu próprio óleo. Servido-nos das palavras de Emmanuel (“Vinha de Luz”, p.12 da 9ª ed. FEB): “(...) ofereçamos a instrumentalidade de nossa vida aos imperativos da perfeição, para que o ensinamento do Senhor se revele, por nosso intermédio, aclarando a senda de nossos semelhantes”. ■

Transição

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Transição é a fase intermediária entre dois pontos distintos e diferentes.

Quem transita viaja de um ponto a outro, na esperança de encontrar algo diferente e melhor.

Quem busca o melhor suporta, nas adversidades do caminho, o amargor e os tropeços naturais da mudança.

Qualquer transição nos impõe sacrifícios, em todos os setores da vida, apresentando-se sob mil formas, em relação às mil circunstâncias do indivíduo e das coisas no mundo.

A criança, ao se tornar jovem, paga o tributo à transição, adquirindo maior responsabilidade diante de seus pais.

Os jovens, ao ficarem adultos, pagam seu tributo à transição através dos compromissos maiores que a vida em sociedade lhes proporcionará.

A criatura que encanece rende tributo ao organismo familiar como sustentáculo e guia.

A criatura que morre rende tributo à ação natural do tempo no desgaste de seu aparelho físico.

Assim como as coisas e as criaturas, enquadradas que estão no mundo, as nações também possuem seus períodos de transição, em seus mais diferentes setores.

A nação brasileira, ao influxo da transformação do novo milênio que se aproxima, necessita, mais do que nunca, da ação decidida de todos os espíritas cristãos, no sentido de que estejam atentos à confusão que se estabelece dia a dia, e saibam discernir, separando o joio do trigo.

Evitemos paixões partidárias, palestras estéreis, promessas falazes, e lembremo-nos de que nosso ideal de cristianização do mundo paira bem acima das fúteis discussões humanas em disputa de poderes enganosos e passageiros.

Unamo-nos em torno do Cristo, no nosso supremo ideal do bem, e de mãos dadas resistamos firmemente à tempestade das paixões humanas, que passará fatalmente, como também passará o período de transição que ora vivemos.

À transição sobrevirá a época bonançosa do Terceiro Milênio, com a entronização do Cristo nos corações humanos, e, por certo, a essa nova civilização pertencerão todos aqueles que pagaram seu tributo de sacrifício na hora do testemunho em favor de uma Humanidade mais feliz. ■

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

Mãos à Obra

“Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”.
- Paulo (I CORÍNTIOS, 14:26.)

A igreja de Corinto lutava com certas dificuldades mais fortes, quando Paulo lhe escreveu a observação aqui transcrita.

O conteúdo da carta apreciava diversos problemas espirituais dos companheiros do Peloponeso, mas podemos insular o versículo e aplicá-lo a certas situações dos novos agrupamentos cristãos, formados no ambiente do Espiritismo, na revivescência do Evangelho.

Quase sempre notamos intensa preocupação nos trabalhadores, por novidades em fenomenologia e revelação.

Alguns núcleos costumam paralisar atividades quando não dispõem de médiuns adestrados.

Por quê?

Médium algum solucionará, em definitivo, o problema fundamental da iluminação dos companheiros.

Nossa tarefa espiritual seria absurda se estivesse circunscrita à freqüência mecânica de muitos, a um centro qualquer, simplesmente para assinalarem o esforço de alguns poucos.

Convençam-se os discípulos de que o trabalho e a realização pertencem a todos e que é imprescindível se movimente cada qual no serviço edificante que lhe compete. Ninguém alegue ausência de novidades, quando vultosas concessões da esfera superior aguardam a firme decisão do aprendiz de boa-vontade, no sentido de conhecer a vida e elevar-se.

Quando vos reunirdes, lembrai a doutrina e a revelação, o poder de falar e de interpretar de que já sois detentores e colocai mãos à obra do bem e da luz, no aperfeiçoamento indispensável. ■

(Do livro “Pão Nosso”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 1, págs. 13 e 14, 17ª ed. FEB).

Allan Kardec - O Libertador de Consciências

A.MERCI SPADA BORGES

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos e eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador para que fique convosco para sempre, o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê e nem o conhece, mas vós o conhecereis, porque habita convosco e estará em vós.

Não vos deixarei órfãos! Voltarei para vós! Mas aquele Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. (João, 14:15-18 e 26)

A marcha evolutiva da Humanidade prosseguiu lenta, ininterrupta... Séculos dobraram sobre séculos; lutas intermináveis, perseguições constantes contra os seguidores do Cristo; testemunhos e mortes dolorosas, guerras, violências marcaram o caminho evolutivo do homem sobre a Terra. Todavia, dos Planos Maiores o Divino Nazareno permanece velando pelas ovelhas que o Pai lhe destinara.

Finalmente soam os clarins, desponta a alvorada do século XIX. Século em que a Filosofia, após atingir, no século anterior, o apogeu do Iluminismo, expande-se em todas as direções. A Ciência, rompida os grilhões que a atavam ao Clero, desprende-se da Filosofia e parte para a comprovação dos fatos através das múltiplas experimentações. Preannuncia-se a liberdade de pensamento em prol da evolução intelectual.

Campo preparado! Semeadores a postos!

Em pontos estratégicos, renascem os cultivadores. A sementeira do bem, fecundada lentamente durante a noite prolongada dos tempos, eclode no silêncio dos corações.

Nenhum outro país, senão a França apresenta condições tão favoráveis para a implantação do Consolador que Jesus renunciara. E, Paris, a capital francesa, mais do que nunca, se encontra em condições de oferecer campo fértil para as conquistas culturais e expandir o desenvolvimento intelectual, não somente para a Europa, como também para uma grande parte do Planeta.

Preparado o local, a Terra se engalana para acolher o *Mensageiro de Jesus*. É o momento de apresentar ao mundo o Consolador, descortinando a *Era do Espírito Imortal*.

A escolha recaía sobre um Espírito que, em remota encarnação, fora um sacerdote druida, com o nome de Allan Kardec, ali mesmo nas Gálias de outros tempos. Por amor ao Cristo tornou-se mártir por mais de uma encarnação; cresceu em experiências relevantes e em sabedoria.

Espírito de escol, sabia que a missão exigia enfrentar os mais árduos obstáculos, as mais dolorosas vicissitudes, mas também sabia que Jesus velaria incansável: “*Não vos deixarei órfãos! Eu estarei convosco!*”.

Assim, reencarna um plêiade de Espíritos que deveria colaborar com o Mensageiro do Cristo na divulgação dos conhecimentos não só morais e doutrinários, mas também científicos, filosóficos e artísticos em diferentes países, a fim de preparar o alicerce para a grande edificação moral que haveria de

alcançar a Humanidade cansada e aflita: **O Consolador**.

Completa-se nos Planos Luminares a estrutura de toda a programação e, no dia 3 de outubro de 1804, na cidade francesa de Lyon, Jeanne Louise Duhamel e o esposo, Jean Baptiste Antoine Rivail, acolhem nos braços o filhinho que recebe o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail, aquele que seria o Codificador do Espiritismo: a *“Religião do Amor que viria empreender a batalha da transformação moral (...) religando em perfeita união o Criador e a criatura”*.

Desde a primeira infância Rivail já revela desenvoltura e inteligência ímpares.

Aos dez anos inicia os seus estudos no instituto de Yverdon, na Suíça, dirigido pelo famoso pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, que fora influenciado pelas idéias de Jean-Jacques Rousseau.

O objetivo do grande educador suíço é assimilado desde cedo pelo pequeno Rivail: *“Melhorar a educação e a instrução das crianças pobres”*.

Esse Instituto abrigou e preparou uma grande parte dos maiores vultos da intelectualidade européia.

Após os longos estudos, instala-se, o jovem Rivail, em Paris, “a capital cultural do mundo”, iniciando suas atividades de professor.

Sua primeira grande preocupação é pôr em prática os ideais sedimentados na moderna educação que recebera: *“(...) auxiliar os pequeninos nas difíceis (...) e aborrecidas questões de cálculos aritméticos (...)”*. Entregou-se ao estudo e à pesquisa dos melhores e mais avançados métodos para solucionar o problema.

De sua dedicação surge seu primeiro livro: **Cours d’Arithmétique**. Apenas 20 anos tem o jovem escritor!

Esse livro é o marco inicial de uma série de obras educacionais e pedagógicas que vão surgindo ao longo de sua brilhante e árdua carreira de educador.

Aos 28 anos casa-se com a jovem Amélie Boudet, que haveria de tornar os seus dias mais suaves.

Pesquisador por excelência, o jovem Rivail entra em contato com a nova ciência do Magnetismo que se introduz na França pelas mãos do médico e cientista alemão, formado por Viena, Franz Anton Mesmer.

Descobriu Mesmer, através de múltiplas experimentações, que o magnetismo é uma energia produzida pelo próprio homem e que se exterioriza pelo poder da vontade. E que, direcionada para o bem, produz efeitos curativos.

Constataram os adeptos da nova ciência que extraordinárias curas se efetuam através da imposição das mãos dos magnetizadores.

Essa ciência nada mais faz do que revelar a lei, embora desconhecida dos homens, utilizada por Jesus na cura de doentes e obsidiados, durante sua peregrinação terrena.

Rivail, com grande interesse, acompanha o desenvolvimento desse fenômeno ao lado de inúmeros magnetizadores que compõem o rol de seus amigos.

Mais tarde, Allan Kardec associa o fluido magnético à Doutrina Espírita, como elemento indispensável ao tratamento do corpo e da alma, bem como dos processos obsessivos, destacando sua importância na comunicabilidade dos Espíritos. Hoje, popularizado com o nome de Passe ou Bioenergia.

Atinge, o emérito professor, a madureza dos 50 anos, forjados no trabalho digno. Ouve falar, pela primeira vez, sobre um estranho fenômeno que começa a

intensificar-se nos salões elegantes da época: o fenômeno das mesas girantes.

No início, o experiente educador não demonstra interesse; acredita tratar-se de frivolidades passageiras, quando então, seu amigo, o Senhor Fortier, antigo magnetizador, o informa:

"Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade".

Para o grande pensador aquilo não parecia tão estranho, pois, pela lógica, o magnetismo é energia e como tal pode ser capaz de movimentar objetos.

Algum tempo depois o mesmo amigo retorna:

"Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde".

"Isto agora - replica o Prof. Rivail - é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé".

Os fenômenos se multiplicavam por toda parte, os amigos não se cansavam de falar-lhe sobre o fato; finalmente Rivail aceita o convite de um outro amigo, o Sr. Pâtier, para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. de Plainemaison. *"Foi aí - diz o Prof. Rivail - que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida."*

Em todas as épocas, em todos os lugares sempre ocorreram os mais diferentes gêneros de comunicações dos Espíritos; contudo, o fenômeno das mesas girantes é considerado o ponto de partida do Espiritismo, termo, esse, criado por Allan Kardec.

Assim, o ilustre educador passou a observar atentamente os fatos, chegando à conclusão de que os movimentos e as comunicações eram provocados por seres inteligentes. Percebeu que a inteligência que atuava sobre a mesa era obediente às ordens dadas. Todavia, para que o fenômeno se realizasse era necessária a presença de pessoas portadoras de mediunidade. Notou-se também que o material ou o tipo de mesa não influenciava a comunicação.

A partir de então, através dos movimentos da mesa o Espírito passa a responder por um **sim** ou um **não**, segundo o número de pancadas convencionadas.

"Aperfeiçoou-se essa arte de comunicação pelo sistema alfabético de pancadas." Todavia, a lentidão levou a outros métodos.

Após vários estudos concluiu-se que os diferentes meios adotados (cestas, pranchetas, mesas, etc.) poderiam ser substituídos pelas mãos dos médiuns. A esse novo método o eminente Codificador denominou *psicografia direta ou manual*.

Em casa da família Baudin, através da mediunidade das duas senhoritas Baudin, Hippolyte Léon Denizard Rivail entra em contato com o Espírito Zéfiro que se tornou grande auxiliar de seus trabalhos.

Diria então:

"(...) percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão

controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças (...)”.

A partir de então Rivail passou a levar “*para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica (...)* Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base de **O Livro dos Espíritos**”.

Estava pronto o alicerce da Doutrina que Rivail denominou **Espiritismo**, a Doutrina revelada pelos Espíritos.

O Codificador era educador emérito, com vários livros publicados, e a doutrina dos Espíritos não poderia permanecer sob a sua sombra, haveria de crescer por si só e transformar-se numa árvore frondosa. Em sua humildade de *Embaixador do Cristo* apagou-se o grande professor Rivail e surgiu o desconhecido Allan Kardec, nome que tivera, havia muitos séculos, como sacerdote druida.

Assim “O Livro dos Espíritos”, compêndio de Filosofia Espiritualista, foi publicado em 18 de abril de 1857.

A obra alcançou êxito extraordinário, despertou a atenção de muitos. Os pedidos se sucediam e a primeira edição esgotou-se rapidamente.

Em 18 de março de 1869 vem a lume a 2ª edição, inteiramente refundida e consideravelmente ampliada, com 1.019 questões elaboradas por Allan Kardec e respondidas pelos Espíritos. O alicerce da grande construção está concluído.

Logo após a publicação da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec se entrega à elaboração da *Revista Espírita*.

As dificuldades foram enormes, o trabalho incansável, mas o grande batalhador não se deixa esmorecer e a 1º de janeiro de 1858 vem a público o primeiro número da *Revista Espírita*. A partir de então “(...) os números se sucediam mensalmente, sem interrupção”.

A Revista foi o porta-voz, o grande auxiliar na divulgação e expansão da Doutrina Espírita. Tornou-se a mensageira, o elo de ligação entre Paris e as diversas partes do Mundo.

No mesmo ano, 1858, em 1º de abril, Kardec fundou a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, Instituição que, sob a sua presidência, passa a abrigar todas as reuniões do grupo espírita.

Muitas vezes, tentou afastar-se da direção, não o conseguindo por insistência dos seus colaboradores e dos Espíritos Reveladores.

Consultas e orientações são solicitadas de todos os continentes para a instalação de novos núcleos. O trabalho é árduo. Entre os colaboradores fiéis se infiltram os detratores, mas o Mensageiro do Cristo não desanima, luta e prossegue na sua tarefa de reerguimento moral.

Ele sabe que o tempo urge, não se detém, a obra não pode ser prejudicada.

A 15 de janeiro de 1861 publica mais uma obra da Codificação - “O Livro dos Médiuns”- que contém as bases científicas e experimentais da Doutrina.

As paredes do grande edifício educacional da Humanidade começam a erguer-se. O combate dos inimigos recrudescer.

Em setembro desse mesmo ano o Sr. Lachâtre, amigo de Allan Kardec, residente, então, em Barcelona, na Espanha, encomenda-lhe 300 volumes, entre os quais “O Livros dos Espíritos”, “O Livros dos Médiuns”, coleções da *Revista Espírita*, obras e brochuras diversas sobre o assunto. Aportando no seu destino, as obras são apreendidas sob as ordens do Bispo, que ordena a queima delas em praça pública pelas mãos do carrasco, através do Auto-de-Fé.

Um abuso de poder, a mercadoria tinha dono e entrara legalmente no país.

“A execução da sentença foi marcada para 9 de outubro de 1861. (...) no local onde são executados os criminosos condenados ao derradeiro suplício (...)”. Resquícios de Inquisição! Os jornais de maior circulação da Espanha noticiam o fato. Um pintor, ali mesmo no local da execução, desenhou uma aquarela representando o ato abominável e apressa-se em enviá-la ao Codificador.

Outros lhe enviam porções das cinzas com fragmentos legíveis das folhas queimadas, que o Codificador teve o cuidado de conservar em uma urna de cristal.

Este foi um fato histórico de grande relevância para os anais do Espiritismo, conforme previra o Espírito de Verdade, em comunicação de 21 de setembro de 1861, quando Kardec lhe indaga se conviria prosseguir na reclamação para restituição das obras apreendidas:

“Mas, ao meu parecer, desse auto-de-fé resultará maior bem do que o que adviria da leitura de alguns volumes. A perda material nada é, a par da repercussão que semelhante fato produzirá em favor da Doutrina (...) A queima dos livros determinará uma grande expansão das idéias espíritas e uma procura febricitante das obras dessa doutrina”.

Uma nova obra está em vias de se completar. Silenciosamente ele vai estruturando-a. Ele sabe que sua publicação provocará a reação do clero, pois seu conteúdo ataca *“as penas eternas e outros pontos nos quais ele baseia sua influência e seu crédito”*.

Recorre aos Espíritos; o reconforto vem do mais Alto:

“Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. (...) Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques”.

“Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte. Continua, pois, sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará pronto na hora determinada”.

O mês de abril é pródigo em realizações. Assim, mais uma vez, em abril de 1864 surge a primeira edição da obra monumental: “Imitação de O Evangelho segundo o Espiritismo”. Nas edições subseqüentes o seu título é substituído por “O Evangelho segundo o Espiritismo”, atendendo à insistência de seus amigos e em especial de seu editor, o Sr. Didier.

A ira do Clero explode violenta e, a 1º de maio do mesmo ano, Roma inclui as obras espíritas no **Index** (Catálogo de obras perigosas, portanto, proibidas pela Igreja).

Mais uma vez a atitude do Clero favoreceu a expansão da Doutrina Espírita.

A partir de então *“a maioria das livrarias apressaram-se a pôr essas obras em evidência”*. E como normalmente acontece com as coisas proibidas, a curiosidade humana facilitou a sua divulgação.

As emoções se sucedem, o trabalho é árduo, o discípulo do Cristo prossegue sem descanso, chega a pôr-lhe em risco a própria saúde.

O Espírito amigo Dr. Demeure alerta-o:

“Precisas de repouso; as forcas humanas têm limites que o desejo de que o ensino progrida te leva muitas vezes a ultrapassar. Estás errado, porquanto, procedendo assim não apressarás a marcha da Doutrina, mas arruinarás a tua saúde e te colocarás na impossibilidade material de acabar a tarefa que vieste desempenhar neste mundo (...).”

Mais ponderado, o Codificador prossegue. Não importam as injustiças, a ingratidão, os ataques constantes, ele não pode parar: palestras, viagens de orientações, auxílio aos necessitados. Por toda parte florescem os seus princípios de Amor e Caridade para com os desvalidos da sorte.

Ressalta como máxima da Doutrina nascente: *“Fora da Caridade não há salvação”*.

No ano seguinte, em 1º de agosto de 1865, segundo Henri Sausse, vem a público “O Céu e o Inferno”. Em 6 de janeiro de 1868 era editado o quinto livro da Codificação: “A Gênese”.

A Doutrina Espírita está Codificada: Ciência, Filosofia e Religião, os três pilares da monumental edificação - produto da aliança estabelecida entre os dois planos da vida.

O Espiritismo se expande por toda parte, levando a todos os corações **O Consolador** prometido por Jesus.

O Mensageiro do Cristo já não tem a saúde dos primeiros tempos; o coração cansado, pelo excesso de trabalho e por fortes emoções, resolve retirar-se para local onde já tinha casa de sua propriedade. Os colaboradores estão em condições de prosseguir na tarefa de divulgação.

Último dia de março, 1869, nos escritórios da *Revista Espírita* Allan Kardec ultima os preparativos, ordenando tudo a fim de poder transferir-se para a Avenida e Vila Ségur, 39.

Não há tempo, “o bom-senso encarnado” ali mesmo tomba em conseqüência da ruptura de um aneurisma. E o Codificador, aos 65 anos, retorna à Pátria Espiritual com a consciência tranqüila pelo dever bem cumprido.

“Todos os jornais consagram um artigo especial à memória daquele homem” que, com saber, dignidade e renúncia erigiu, com as revelações dos Espíritos, um monumental corpo de doutrina.

Assim, o Espiritismo, nos seus aspectos filosófico, científico e religioso, vem demonstrar ao homem, de forma lógica e racional, que a dor é produto de seus próprios erros e o progresso depende do esforço encetado nas diferentes reencarnações, instrumento da justiça suprema do Eterno Pai. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. *Novo Testamento*, João, 14:15-18 e 26.
2. WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*, vol. I, 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, 210p.
3. *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse*. Ed. Larousse do Brasil.
4. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, 28ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, 398p.
5. KARDEC, Allan. *O Livros dos Médiuns*, 63ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, 488p.
6. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 114ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, 437p.
7. KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, Anos 1860 e 1869. Ed. Edicel, São Paulo.

A Justiça nos Evangelhos

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
(Mateus, 5:6)

Na quarta bem-aventurança do Sermão da Montanha, em ordem de exposição, de acordo com o apóstolo e primeiro evangelista, e destacada em epígrafe, Jesus realça o espírito e o senso de *justiça*. Na mesma ocasião, um pouco à frente, Ele volta ao tema, atribuindo-lhe ainda mais transcendência, quando diz: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus”.

Segundo a acepção comum, justiça é a “virtude que consiste em dar ou deixar a cada um o que por direito lhe pertence”. (“Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”, Mirador Internacional). Ou ainda: “A faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência”. (“Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2ª edição, Ed. Nova Fronteira).

Os juristas de todas as latitudes são quase unânimes em admitir que os seres humanos, sem exceção, possuem em seu íntimo, de forma inata, esse sentido de justiça. Tanto é assim que a maior parte das nações civilizadas utilizam-se, para certos tipos de delito, de um júri popular.

A Codificação Espírita confirma esta tese, ao afirmar que o sentimento de justiça “está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça... Frequentemente, em homens simples e incultos, se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber”. (“O Livro dos Espíritos”, cap. XI, Parte 3ª, questão 873, 75ª ed. FEB, Rio de Janeiro).

Sendo, portanto, uma característica frequentemente encontrada na Humanidade, soaria estranho que Jesus a recomendasse com tanta ênfase. Compreende-se que Ele o Tivesse feito, por exemplo, em relação ao amor ao próximo, à misericórdia ou à pureza de coração, sentimentos escassos naquela época e que continuam incomuns em nossos dias. É inconcebível que o mestre, Espírito de excelsas virtudes, guia e preceptor deste Planeta, tenha dito ou feito qualquer coisa sem um propósito definido. Ou que se equivocara, no mínimo que seja.

O problema torna-se mais claro se admitirmos, como hipótese plausível, que tudo não passa de uma questão de semântica. Palavras e caracteres escritos comumente mudam de sentido, no decorrer do tempo. As mudanças podem ser ainda mais profundas, quando há transposição de idiomas. As traduções, muitas vezes, distorcem as idéias originais, tornando-as irreconhecíveis.

Mateus escrevera inicialmente, segundo a opinião mais aceita, “(...) uma coleção de sentenças proferidas pelo Senhor”. (Bíblia Sagrada, Evangelho segundo São Mateus, Introdução, Stampley Publicações, Ltda., São Paulo). Utilizara-se do aramaico, idioma corrente entre o povo, na Palestina de então, usado por Jesus, em seus diálogos e prédicas.

Mais tarde, possivelmente depois do ano 70, quando Jerusalém já fora destruída pelos romanos aquela obra teria sido ampliada e traduzida para o grego,

“(...) única língua em que possuímos o texto original de Mateus”. Essa empreitada coube a alguns dirigentes da “Igreja” de Antioquia, onde, segundo a tradição, os discípulos de Jesus receberam a alcunha de cristãos. Do grego antigo, o texto foi transposto para outros idiomas antigos e modernos. É bem provável, portanto, que alguns pensamentos do Mestre tenham sofrido adulteração, no decorrer do tempo e de todas essas vicissitudes.

Ora, o cerne da doutrina de Jesus consiste no amor e no conhecimento da verdade. Nisto se resume a Sua mensagem aos homens. Trata-se porém do amor incondicional, sem peias, universal, como subproduto da emanação do próprio Criador Supremo. Deus é amor e nada existe fora desse amor.

“*Amarás* o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito... *Amarás* o teu próximo, como a ti mesmo”, disse o Mestre, aludindo ao primeiro mandamento do Decálogo mosaico (Mateus, 22:37-39).

“*Amai* os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam...”, aconselhou Ele (Mateus, 5:44; Lucas, 6:27-28). (Os grifos são nossos).

E recomendou também que nós, os homens, nos amássemos uns aos outros, como Ele nos amou. (João, 13:34-35; 15:12-13).

O amor implica, como corolário e conseqüência natural, sentimentos de misericórdia e compaixão e atitudes de caridade diante do sofrimento alheio. Quem ama não permanece indiferente às dores e misérias que grassam no Mundo. É agente efetivo de mudança, em prol da evolução espiritual da Humanidade.

Ao lado do amor, o conhecimento da *verdade* igualmente é indispensável a essa evolução. Trata-se da verdade, não só referente às leis que regem o mundo material, mas também e principalmente à que concerne às leis do mundo espiritual. Afirmou o Mestre: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Referia-se Ele à verdade de Deus e não à verdade do Mundo, muitas vezes temporária, relativa e sujeita à precariedade da condição humana.

Ao adquirirmos o conhecimento das verdades eternas, estaremos livres das amarras da ignorância, da dependência psíquica, do medo da vida e da morte.

Ao aceitarmos esta hipótese, as expressões *amor* e *verdade* teriam adquirido, no decorrer do tempo, significado diverso do original. Fundiram-se e passaram a significar simplesmente *justiça*. Tornaram-se menos abrangentes e mais terrenas. Menos divinas e mais humanas.

A hipótese alternativa, igualmente verossímil e que pouco diverge da primeira, é a de que Jesus de fato se utilizara do termo correspondente ao de justiça. Considerou-o porém no mais amplo sentido, o qual abarca a verdade, o amor, a misericórdia, a caridade, a compaixão.

Poderíamos, em face do exposto, reescrever as bem-aventuranças transcritas neste texto, dando-lhes nova forma:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de amor e de verdade, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por propagar o amor e a verdade, porque deles é o reino dos Céus”.

Os cristãos dos primeiros tempos são o exemplo pungente de heroísmo, na difusão da *Boa-Nova* trazida pelo Cristo de Deus. Foram por isso caluniados, humilhados, entregues às feras, queimados vivos nas arenas romanas. A fé inquebrantável, porém, saiu vitoriosa e o Cristianismo difundiu-se pelo Mundo.

João Hus e Giordano Bruno, em defesa de suas idéias, morreram nas fogueiras da inquisição. Galileu Galilei foi forçado a retratar-se, para não ter o

mesmo destino e poder continuar a contribuir para o progresso científico da Humanidade.

Deus é **amor** e **verdade**. Deus é a **justiça** suprema. ■

Deus Quer Misericórdia

Se confias em Deus, alma querida,
Vem com Jesus, do lar, que te resguarda e eleva,
Ao vale da aflição onde vagam na sombra
Os romeiros da Angústia e as vítimas da treva!...
Na crença que te nutre, acende a chama
Do amor que te desvende, trilha afora,
Os convidados d'Ele ao banquete da vida,
Os que formam na Terra a multidão que chora.
Vamos!... Jesus, à frente, nos precede,
Insistindo por nós, de caminho a caminho,
E pede proteção ao que segue em penúria,
Reconforto a quem vai padecente e sozinho...
Aqui, passam em bando, aos ímpetos do vento,
Pequeninos sem fé, sem apoio, sem nome
Que fazem? de onde vêm? aonde vão? ninguém sabe
E nem sabe explicar a mágoa que os consome;
Ali, geme, sem teto, o doente esquecido
Além, tropeça e cai, sem a escora de alguém,
O velhinho largado à vastidão da noite,
Que recebe, por leito, a terra de ninguém;
Mais adiante, é a viuvez cansada de abandono,
Almas na solidão de torturante espera,
Implorando socorro ao telheiro vazio,
A recolher somente a dor que as dilacera;
Flagelam-se, mais longe, os tristes companheiros
Que andaram sem pensar, nas veredas do crime,
Rogando leve olhar de bondade e esperança,
Numa frase de paz que os restaure e reanime!...
Ante os erros que encontres, não censures
Nem te queixes... Trabalha, alma querida!...
Deus quer misericórdia!... Ama, serve, abençoa
E Deus te sustera nas provações da vida.
Vem como és e auxilia quanto possas,
Não clames pelo Céu, sonhando em vão!...
Nosso Senhor te aguarda tão-somente,
Traze teu coração!...

MARIA DOLORES

(Do livro "Poetas Redivivos", Diversos Espíritos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, 3ª ed. FEB, 1994, cap. 44, págs. 71-72)

Educação Moral e Evangelho

GERALDO GOULART

Um dos mais graves encargos atribuídos aos pais é, talvez, a educação moral de sua prole. Ricos ou pobres sejam os homens, não poderão jamais olvidar essa preocupação nos cuidados da formação daquelas almas que lhes foram confiadas como filhos.

Para a edificação da moral concorrem, além da instrução familiar tradicional, os conhecimentos desenvolvidos à luz da experiência e a adoção de comportamentos éticos já tradicionalmente conhecidos porque ditados por profetas, pensadores e, principalmente, aqueles constantes do Decálogo - os Dez Mandamentos da Lei de Deus.

A Doutrina dos Espíritos, consoante a codificação realizada por Allan Kardec, preocupou-se também com esse aspecto, de relevante significação para o crescimento espiritual. Podemos aprender, com Amigos de Mais Alto, variados aspectos que destacam as oportunidades e insuspeitados benefícios em vivenciarmos comportamentos baseados no respeito, na consideração e Amor pleno pelo próximo.

Assim, deveríamos crescer preocupados em fazer bem notado nosso caráter moral.

O dicionário/enciclopédia Caldas Aulette assim define o conceito de "moral": *substantivo feminino, a parte da filosofia que trata dos costumes e modo de proceder dos homens para com os outros homens // Corpo de preceitos e regras para dirigir as ações do homem, segundo a justiça e a equidade natural (...). Teologicamente "moral" define as coisas relacionadas à mente.*

Tratando de *o bem e o mal*, Kardec, educador por excelência, oferece-nos preciosos pontos de reflexão quando pergunta aos Espíritos reveladores como se poderia definir *moral*¹, e eles respondem: *"A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus"*. Qualquer pessoa, por certo, diante de tal resposta, dar-se-ia por satisfeita. Porém, como que antevendo nossa dificuldade ante tão elevado conceito, ou mesmo para que fixássemos, por repetição temática, o ensinamento, Allan Kardec volta: *Como se pode distinguir o bem do mal? - "O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la"*. Supomos que a resposta há de ter sido bem refletida pelo Codificador que, ainda não satisfeito, indaga: *"Estando sujeito a erro, não pode o homem enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que pratica o bem quando em realidade pratica o mal? E recebe a resposta, conclusiva: "Jesus disse: vede o que quereis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis"*.

Essas orientações, tão necessárias quanto atuais, apesar dos 141 anos de publicação de "O Livro dos Espíritos", têm sido estudadas e comentadas pelos companheiros da Seara, que identificam, sem dificuldade, sua sinonímia com os ensinamentos evangélicos. Mas algumas pessoas, evidentemente equivocadas, teimam em relacionar moral com intelecto. Ora, considerando-se que a observância de um bom comportamento moral é caminho que possibilita ao Espírito alçar vôo para sua evolução, poder-se-ia admitir que os intelectuais seriam Espíritos evoluídos e detentores de rígida moralidade. Mas, Emmanuel²

nos assevera:

“O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para perfeição infinita.

No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a **parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda**, na repetição das experiências, enquanto que o **avanço mora jamais será excessivo**, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas”. (Destacamos).

Através da Codificação somos informados de que o progresso moral é conseqüência do progresso intelectual, embora não o siga, sempre, de imediato³. Adverte-nos também, a mesma fonte, que as qualidades morais do homem, boas ou más, pertencem ao Espírito que está encarnado nele; quanto mais seja puro o Espírito, mais o homem será guiado para o bem⁴.

Sabe-se que tanto os fenômenos espirituais quanto a atividade mediúnica independem da boa qualidade moral, ou seja, qualquer indivíduo, de boa ou má índole, poderá realizar tarefas mediúnicas. Afirmamos isso amparados nas informações da Codificação. Consulte-se, por exemplo, o item 226 de “O Livro dos Médiuns”(FEB) para saber-se que “(...) *a faculdade (mediúnica) propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium*”.

Como se vê, embora a sensibilidade mediúnica não esteja relacionada ao condicionamento moral, permanece a responsabilidade quanto ao uso da faculdade e, mais, quanto à qualificação do envolvimento espiritual a que se submeta o intercambiador. Porque, conforme o item 227 (op.cit.):

“Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau de semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que **as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam**”. (Destacamos).

Depois de recebida a educação formal desenvolvida pela família e aumentada pelos conhecimentos adquiridos durante o período da escolaridade, chega o momento em que o indivíduo se assenhoreia de seu livre-arbítrio e, através de sua própria vontade em todas as situações, começa a mostrar para que lado deixou pender sua formação moral: se dentro dos parâmetros educacionais recebidos ou se para a busca ilimitada de suas satisfações pessoais. É evidente que para isso concorrem o egoísmo e a vaidade e, principalmente, o desconhecimento de si mesmo.

A ignorância do homem com relação às suas possibilidades e responsabilidades é a principal causadora das pedras do caminho que sempre virá a encontrar durante o desenvolvimento de seu curso evolutivo na vida de relação. Semelhante geratriz de tais problemas só será eliminada na medida em que ocorra o conhecimento e assunção do livre-arbítrio. Se o conhecimento de si mesmo, de suas possibilidades, de seu caráter deixa o homem transparente, causando-lhe mesmo alguns sofrimentos por sentir-se assim desnudo ante olhos

percucientes, por outro lado será esse o instrumental de que disporá para combater seu maior inimigo: o personalismo. É aí que principia a consolidação de seus atributos morais.

Ainda em “O Livro dos Espíritos”, questão 919, Santo Agostinho (Espírito) afirma: “*O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual*”. E, para aqueles verdadeiramente preocupados em superar as dificuldades para atingir a perfeição moral, o primeiro livro da Codificação reserva todo o capítulo XII.

Outros autores merecem compulsados sobre o tema. Entretanto, julgamos lapidar a referência de Emmanuel (op. cit. perg. 282) quando solicitado a pronunciar-se sobre a importância da Boa-Nova na educação religiosa dos homens. Diz o mentor:

“O Evangelho é o edifício da redenção das almas. Como tal, devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do Divino Mestre no terreno definitivo do Espírito”.

Depreende-se, então, que, para o sucesso da tarefa da edificação moral naqueles que estejam sob a nossa orientação no campo educacional, não poderemos desconsiderar as oportunidades para encaminhar nossos jovens às imorredouras lições do Evangelho: a Boa-Nova de todo o sempre. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 79ª ed. Rio de Janeiro, FEB - 1997, questões 629 a 632.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel, 19ª ed., Rio de Janeiro, FEB - 1998. Pergunta 204.
3. KARDEC, Allan. Idem, questão 780
4. Idem, ibidem, questão 361.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

REUNIÃO EM BRASÍLIA NOS DIAS 6, 7 E 8
DE NOVEMBRO DE 1998

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, realizará sua Reunião ordinária do corrente ano, em Brasília, (DF), nos dias 6, 7 e 8 de novembro (sexta-feira, sábado e domingo), oportunidade em que serão tratados importantes assuntos de interesse do Movimento Espírita brasileiro. •

A FEB e o Esperanto

Affonso Soares

Um Esperantista Brasileiro no Japão

Waldomiro Arenhart é delegado da Associação Universal de Esperanto na cidade de Balneário Camboriú em Santa Catarina, e no final do ano de 1997 viveu belíssima experiência em sua vida de esperantista. O potencial do Esperanto para a união, a confraternização, a solidariedade internacional - numa palavra, para o amor! - foi tão intensamente evidenciado àquele nosso co-idealista que ele se sentiu no dever de um testemunho com que pudesse reforçar a convicção de outros co-idealistas bem como atrair novos adeptos para a genial criação do Dr. Zamenhof. Desse testemunho - um longo relato de impressões de viagem - colhemos o essencial, associando-nos ao justificado entusiasmo de um idealista que vê o ideal sair da esfera dos sonhos para a mais frisante expressão no convívio com irmãos de outras terras.

Tudo começa com um inesperado convite de sua filha para que ele e a esposa a visitem no Japão, onde ela reside e trabalha há quatro anos.

Usando os serviços da rede de delegados da Associação Universal de Esperanto, Waldomiro escreve a co-idealistas japoneses e obtém o oferecimento de préstimos do *samideano* Huzimaki, da cidade de Numazu.

Já no Japão, Huzimaki, que segundo Waldomiro, se tornou seu verdadeiro anjo-guia, informa-lhe os endereços de organizações esperantistas da região de Tokai, nas cidades de Toyota, Hamamatsu, Kakegawa, Shizuoka, Nagoya, Misima, Fukede e Iwata.

É a partir daí que se inicia a inesquecível experiência de Waldomiro, sob a égide do “estandarte verde” do Esperantismo, dando-lhe a certeza de que para os esperantistas caem efetivamente todas as barreiras graças à magia de uma língua justamente chamada *Idioma da Fraternidade*.

Durante 63 dias, Waldomiro é calorosamente acolhido em diferentes localidades do Japão, sempre a convite dos grupos esperantistas locais, praticando a mais fecunda forma de turismo, sem auxílio de intérpretes para se comunicar, integrado a esses grupos como um familiar querido, cercado de todas as gentilezas, obséquios, carinhos, em nome da legítima fraternidade universal que o Esperanto sabe tão bem evocar no coração do adepto sincero e transformar em prática real, objetiva, concreta.

Nessa extraordinária peregrinação em parte do imenso e virtual “território” esperantista, em cujas fronteiras o Sol jamais se põe, Waldomiro tem experiências especiais que aqui destacamos: na residência de Huzimaki, em Numazu, surpreende-se com a riqueza de sua biblioteca, onde encontra centenas de títulos em Esperanto, editados no mundo inteiro, inclusive no Brasil; em visita a um centro de convenções de Kakegawa, reúne-se a um grupo de professores que não falavam o Esperanto mas queriam informações sobre o Brasil, sendo suas respostas traduzidas para o japonês pelo esperantista Isikawa Kazuya; em Jokoyama, visita o círculo esperantista local, cuja sede ocupa três andares de um grande edifício, conversa com alunos dos muitos cursos em funcionamento e se

emociona com uma vovozinha que ali inicia seu aprendizado do idioma; em Tóquio, conhece o famoso instituto Japonês de Esperanto, sob cuja administração funciona a Casa do Esperanto, na cidade de Yatugatake, para onde Waldomiro se desloca de modo a também conhecer esse centro cultural que surgiu graças a generosa doação de uma fervorosa esperantista japonesa.

Preparando-se para o retorno ao Brasil, quando já se via sem quaisquer recursos com que prolongar sua estada no Japão, Waldomiro é obrigado a recusar convite de um co-idealista da cidade de Okazaki, membro da Sociedade Esperantista de Nagoya, para um contato com esperantistas daquela cidade. Mas o *samideano* insiste e consegue reter Waldomiro graças à simpática iniciativa da Sociedade de Nagoya de custear as despesas adicionais de Waldomiro e esposa.

Nosso texto é um descolorido, palidíssimo resumo do longo relato de Waldomiro. Mas não nos furtaremos ao impulso de aqui registrar as calorosas expansões finais de nosso co-idealista de Camboriú, as quais dão bem a medida dos efeitos benéficos do ideal esperantista sobre as relações internacionais de indivíduos e coletividades:

“Foram 63 dias de viagens, encontros, palestras, alegrias, esperanças, entusiasmo. O Esperanto tinha realizado grandes mudanças em minha vida, ultimamente. Mas, principalmente nestes dias, no Japão, foram momentos inesquecíveis de que dificilmente se repetirão... Mas, resta-me sempre a esperança de que, algum dia, eu tenha a chance de viajar novamente para algum país e encontrar, outra vez, meus irmãos esperantistas. Encontrar-se com esperantistas é experiência inesquecível em qualquer parte do mundo. Jamais esquecerei o país onde debutei meu Esperanto, fora de meu país. Aos esperantistas japoneses minha admiração, gratidão e respeito.

Absolutamente não existe nenhuma língua, a não ser o Esperanto, que proporcione ao ser humano tantos e tantos contatos com pessoas diferentes e em qualquer país do mundo, em tão pouco tempo... Desejo, sinceramente, a todos que lerem este “relatório de viagem”, que tenham oportunidade e acesso ao aprendizado do Esperanto, pois só assim nossa alma será livre, sem barreiras de língua, religião, fronteira ou condição social. Renovo, nestas linhas, meu respeito e admiração ao nosso mestre Lázaro Luís Zamenhof, o criador do Esperanto, a “língua internacional neutra”.

*

Este é mais um dos incontáveis exemplos que evidenciam o fato de que o Esperanto não é apenas um fenômeno lingüístico, mais um código inerte e frio para a comunicação entre os homens. Nele o seu genial iniciador soprou a alma de ideais superiores que visam a aproximar corações e não somente cérebros. Sua adoção por qualquer coletividade, em qualquer nível em que esta se manifeste, sempre será um fator poderoso de educação para a vida universal em que efetivamente caem todas as barreiras culturais. Nas coletividades religiosas - paradoxalmente as que mais se antagonizam - o Esperanto, além de cumprir seu papel de instrumento de comunicação também funciona como antídoto contra o mais perigoso “vírus” que pode atacar tais coletividades, isto é, o sectarismo, moléstia insidiosa cujas raízes se nutrem da presunção, filha diletta do orgulho.

■

O Esperanto na CNN

A poderosa rede televisiva CNN, dos Estados Unidos, dedicou, no fim do ano passado, alguns minutos ao Esperanto, numa seqüência bastante positiva. Não foi essa a primeira vez, pois em 1995, por ocasião do Congresso Universal em Tampere, a rede entrevistou um dos diretores da Associação Universal de Esperanto.

Eis o texto da matéria, com menção das imagens ilustrativas, como aparece em o nº 1.101 (mar/98) da revista *Esperanto*, órgão oficial daquela Instituição:

“Vencer as barreiras lingüísticas se torna agora numa pedra de tropeço para a União Européia, e, por isso, um movimento lingüístico, lançado há mais de cem anos, surge como uma nova luz. (...)”

Na tela: uma conferência da União Européia

Desde o gargarejo germânico, extraído do mais fundo da garganta, até o “u” pronunciado pelo francês com a ponta dos lábios, a Europa é um novelo de línguas. Composta por 15 nações, a União Européia tem 11 línguas oficiais, pelo que cada expressão numa língua precisa ser compreendida nas 10 outras, sob pena de se estabelecer a incompreensão.

Na tela: prejuízos das guerras

Mas incompreensão é o que ninguém quer mais na Europa.

Na tela: impressão por meios eletrônicos em grande escala.

Interpretação, tradução, controle, impressão e reimpressão produzem 800 milhões de páginas por ano só na Comissão Européia. Procura-se! Uma língua para a Europa!

Na tela: o Clube de Esperanto em Londres

Pois bem! O movimento do Esperanto resolveu o problema á 110 anos! Essa solução para a babel européia - o Esperanto - significa “aquele que espera”. Um século depois, entre 50 e 100 mil idealistas do mundo inteiro ainda têm a esperança de que essa língua planejada se tornará a segunda língua do mundo.

John Wells: Acho que ele é um excelente candidato para resolver o problema lingüístico europeu, porque se trata de uma língua fácil, de rápida aprendizagem. Se a levássemos efetivamente a sério, haveria uma mudança radical na ordem lingüística da Europa.

Na tela: prática de ensino do Esperanto.

Não existem letras mudas, combinações esquisitas, sotaques nacionais. O Esperanto soa de fato como muitas línguas, porque tem raízes em muitas delas.

Na tela: livrarias e livros de Esperanto

Os esperantistas londrinos se exercitam em reuniões sociais todas as sextas-feiras, à noite, e o movimento, com sede na Holanda, dispõe ali de uma livraria com mais de 1.000 títulos, entre originais e traduções. Sem faltar, é claro, Shakespeare.

David Graddol (autor de “O Futuro da Língua Inglesa”) lê, em Esperanto “Ser ou não ser - eis a questão”.

Na tela: páginas em Esperanto na W W W

Mas na cyber-floresta, dominada pela língua inglesa, a verdadeira questão para o diminuto batalhão do Esperanto assim se exprime: “Vencer, ou simplesmente sobreviver?” ■

O Transplante de Órgãos na Visão Espírita

EVANDRO NOLETO BEZERRA

Desde a mais remota antigüidade o homem tenta substituir partes do corpo e até mesmo órgãos inteiros por similares retirados de doadores. As primeiras notícias que mostram esse procedimento datam do ano 800 a.C., quando, na Índia, efetuaram-se transplantes para reparar partes lesadas do nariz com a pele retirada da fronte de um doador.

Nos tempos modernos, contudo, o primeiro transplante de um órgão vital executado com relativo sucesso ocorreu na África do Sul, em 1967, graças à habilidade do cirurgião Christian Barnard em dominar as técnicas operatórias cardiovasculares já então desenvolvidas. Hoje, devido a uma maior compreensão dos mecanismos responsáveis pela rejeição de tecidos, os transplantes cardíacos, hepáticos e renais têm ocorrido de maneira por assim dizer rotineira, em alguns casos permitindo sobrevida que ultrapassa uma dezena de anos.

Consciente da realidade do Espírito imoral, é natural que a grande família espírita de nosso país se preocupe com o assunto ou lhe oponha alguns questionamentos, sobretudo a partir da promulgação da Lei nº 9434, de 4 de fevereiro de 1997, que “dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências”.

O *cerne* da questão é a denominada *morte encefálica*, na vigência da qual órgãos ou partes do corpo humano são removidos para utilização imediata em enfermos deles necessitados. A dificuldade reside justamente em identificar, com precisão, se determinada criatura já preenche os requisitos exigidos para ser classificada nessa situação. Como imaginar que alguém possa ter morrido, se o seu coração ainda bate? E quem garante que a Medicina terá dado a sua última palavra ao afirmar que o agonizante em coma encontra-se em processo irreversível e inexorável em direção à morte? Afinal de contas, há tantos relatos verídicos de enfermos em tais condições que recuperaram parcial ou totalmente a saúde e se reintegraram ao convívio social... E se confundirmos o estado de morte encefálica, retirando órgãos vitais de pessoas ainda vivas? Qual a repercussão desse ato sobre o corpo físico do doente? Não estaríamos, nesta hipótese, cometendo um assassinato? E que dizer do perispírito, esse modelador plástico de importância tão significativa na elaboração do organismo em que vai habitar por algum tempo o Espírito imortal? Tais as questões sobre as quais importa nos fixemos na tentativa de esclarecer o assunto.

Vamos começar pela definição de *morte encefálica*. O conceito é baseado na constatação clínica de coma aperceptivo e ausência total de reflexos ou de movimentos supra-espinhais que não sejam provocados por hipotermia ou depressão medicamentosa, observados por um tempo mínimo de seis horas. Tal achado clínico deverá necessariamente respaldar-se em um exame subsidiário que demonstra de forma cabal e definitiva a ausência de atividade elétrica cerebral, de perfusão sangüínea cerebral ou de atividade metabólica. A primeira é viciada pelo eletroencefalograma e pelo estudo dos potenciais evocados; a segunda, pela arteriografia cerebral, pelo estudo radioisotópico, pela ultrasonografia transcraniana e pela monitorização da pressão intracraniana, enquanto a última poderá ser constatada pelo PET-SCAN e por métodos que medem a extração e o consumo de oxigênio (HC-FMUSP). Estar em *morte encefálica*, portanto, é *estar em uma condição de parada definitiva e irreversível do encéfalo*,

incompatível com a vida e da qual ninguém jamais se recupera. Logo, os doentes considerados desenganados e em fase terminal que se recuperaram são aqueles que em verdade não preenchem os critérios de *morte encefálica*, dela possuindo apenas a aparência, como certos estados comatosos que resultam da agressão de um ou de vários órgãos do corpo humano. Conseqüentemente, carece de argumentação científica o pretexto utilizado pelos espíritas para condenarem o transplante de órgãos: a eutanásia de modo algum se encaixaria nesses casos de *morte encefálica* comprovada.

Uma objeção por assim dizer *ponderável* que se faz no meio espírita em relação ao transplante de órgãos diz respeito às repercussões perispirituais que o Espírito possa vir a sentir. Diagnosticada a *morte encefálica*, experimentaria o Espírito algum tipo de dor no momento em que um órgão de seu corpo moribundo esteja sendo retirado pela equipe médica que intervém no processo? Os Espíritos reveladores informam que a separação da alma e do corpo não é dolorosa (“O Livro dos Espíritos”- questão 154), embora os relatos mediúnicos, sobretudo quando descrevem o sofrimento por que passam os suicidas, nos mostrem que alguns deles *experimentam* a sensação aterrorizadora da decomposição do corpo físico que já foi abandonado à sepultura! Ora, é a Doutrina Espírita também que nos esclarece que os laços perispirituais *não se quebram*, simplesmente *se desatam*. (Questão 155 - obra citada). Isso é facilmente entendido na chamada *morte natural*, aquela que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos físicos, em conseqüência da idade ou de moléstia prolongada. Contudo, nos casos de *morte violenta*, em que a desencarnação não resultou da extinção gradual das forças vitais, sendo mais tenazes os laços que prendem o corpo ao perispírito, mais lento será o desprendimento completo do corpo espiritual. Ou seja, persistindo ainda alguns laços que prendem o perispírito ao corpo agonizante ou em estado de decomposição, conforme o tempo transcorrido, é natural que a alma experimente certa repercussão no corpo perispiritual provocada pela retirada dos órgãos que serão transplantados, *sem que isso se traduza necessariamente por dor ou sofrimento*.

No entanto, os Espíritos nos têm alertado sobre o cuidado que devemos observar diante da cremação de cadáveres. Segundo orientação transmitida pelos Imortais a Léon Denis, “a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, doloroso mesmo para a alma apegada à Terra por seus hábitos, gostos e paixões”. Emmanuel chega mesmo a recomendar que se procrastine a cremação por 72 horas, certamente em virtude dos ecos de sensibilidade existentes entre a alma e o corpo que será incinerado. Trazendo o problema para a órbita dos transplantes, poderíamos, da mesma forma, inferir que a retirada abrupta de tecidos ou órgãos de um corpo, cujos laços perispirituais ainda não se romperam completamente, possa levar a igual resultado, ou seja, provocará dor e sofrimento de gradação variada. É possível! Contudo, não nos esqueçamos de que o Espírito de um indivíduo que só viveu para a satisfação de sus instintos materiais e sensuais poderá experimentar também dores inenarráveis, em virtude do processo natural de decomposição do corpo que a morte colheu, ainda mesmo que tenha sido abençoado pela chamada *morte natural* e não haja sofrido o processo de cremação! Nele, o desprendimento do perispírito é bem mais lento, podendo durar dias, semanas ou meses. Recordemos, ainda, de situação que ocorre todos os dias nas grandes cidades: a prática da necrópsia, exigida por força da Lei, nos casos de morte violenta ou sem causa determinada: abre-se o cadáver, da região esternal até o baixo ventre, expondo-se-lhe as vísceras tóraco-abdominais. Muitas vezes a morte do corpo físico se verificou horas antes dessa intervenção, portanto, no período em que o desligamento dos laços perispirituais

não se teria dado completamente, podendo o processo repercutir de forma dolorosa na alma que partiu! Muitos exemplos poderíamos enumerar ainda para ilustrar outros casos que resultassem em idêntica consequência para o Espírito recém-chegado ao Plano Espiritual. Mas... sofreriam eles, realmente, em qualquer uma dessas situações? E a questão do mérito pessoal? *Estaria o destino dos Espíritos desencarnados à mercê da decisão dos homens em retirar-lhes os órgãos para transplante, em cremar-lhes o corpo ou em retalhar-lhes as vísceras por ocasião da necrópsia?!* O bom senso e a razão gritam que isso não é possível, porquanto seria admitir a justiça do acaso e o acaso não existe!

Jesus-Cristo marcou a sua passagem entre nós pelos exemplos de caridade de que se fez protagonista. A autoridade dos seus ensinamentos reside precisamente nos atos de nobreza com que dignificou o seu apostolado na Terra. E quantas vezes Ele se serviu de imagens do cotidiano para ilustrar a Sua mensagem de paz e de boa vontade entre os homens! A parábola da ovelha e dos bodes, na alegoria do *Juízo Final* (Mateus 25:31-46), assim como a do *Bom Samaritano* (Lucas, 10:25-37) evidenciam o Seu empenho em nos apontar o verdadeiro caminho da felicidade eterna - a caridade, o amor na sua mais lídima expressão. As curas por Ele operadas em nome da fraternidade legítima, os exemplos numerosos de que deu testemunho ao vivenciar o entendimento, a tolerância, a humildade e o perdão sem fronteiras atestam de maneira eloqüente que o seu discurso estava perfeitamente alinhado com a conduta irrepreensível que dEle fez *o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo.* ("O Livros dos Espíritos"- questão 625).

Paulo de Tarso, o *vaso escolhido* por Jesus para levar a mensagem libertadora do Evangelho muito além das acanhadas fronteiras de Israel é, também, um exemplo vivo de dedicação e de fidelidade à causa cristã. E ninguém melhor do que ele para compreender a exata dimensão do amor que se desprende das lições iluminadas da Boa-Nova: falar a língua dos homens e dos anjos; ter fé ao ponto de transportar montanhas; distribuir todos os bens, entre os pobres; e entregar o próprio corpo ara ser queimado, nada disso teria proveito se não fosse chancelado pelo *amor*. Amor paciente, benigno, que não arde em ciúmes, que não cuida dos seus interesses, que se regozija com a verdade, que sofre, que suporta tudo, que jamais acaba... (I Cor., 13:1-13).

A Doutrina Espírita, cumprimento da promessa de Jesus de permanecer eternamente conosco, resumiu todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com o Criador através da máxima "FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO" (Allan Kardec - "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 15, item 5). Seus missionários nada mais têm realizado do que observar fielmente esse receita.

Ora, quando retiramos partes de um cadáver para transplantar em alguém não é o sentimento da mais pura caridade que nos impulsiona? Não estaremos animados daquele sentimento de solidariedade, de caridade pura e desinteressada a que o Evangelho se refere e nos convida a por em prática? Sejamos pragmáticos. O Espiritismo não poderá jamais coonestar interpretações que se afastem desse princípio, a pretexto de *defender* hipotéticas considerações doutrinárias, até mesmo a de que o transplante levaria à obsessão. A retirada de órgãos aproveitáveis de um cadáver para serem transplantados em alguém que deles necessite não afetará o Espírito que animava o corpo do doador, se este não merecer passar por esta prova. A Lei de Deus, além de justa, é eminentemente misericordiosa, representando o transplante de órgãos valiosa oportunidade dentre tantas outras colocadas à nossa disposição para o exercício da caridade. Estejamos, pois, certos de que "eventuais repercussões perispirituais

ou ecos de sensibilidade que o Espírito possa vir a sentir são irrelevantes, diante de um Bem maior". (*Jornal Espírita - fev./98*).

Finalmente, não nos esqueçamos *jamais* de orientar o receptor de transplantes acerca da aquisição e manutenção da saúde que realmente importa - a saúde do Espírito. Todas as criaturas que Jesus curou fisicamente experimentaram o fenômeno da morte do corpo físico, ascendendo às regiões inacessíveis ao sofrimento somente aquelas que foram *reconhecidas por muito se amarem*. ■

O Perdão das Ofensas

ROBINSON SOARES PEREIRA

O Evangelista Mateus narra (18:15,21-22) a passagem em que Jesus disse: “Se contra vós pecou vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, tereis ganho o vosso irmão. Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: ‘Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?’ - Respondeu-lhe Jesus: ‘Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes’”.

No livro “O Evangelho segundo o Espiritismo” (ed. FEB), no capítulo X, item 14, o Espírito Simeão (Bordéus, 1862) comenta: “Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. (...) Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita”.

Mas, por que nos é tão difícil perdoar? Qual o motivo que nos leva a reagir com intolerância a uma ofensa? É simples e fácil acharmos a resposta: É porque ainda somos muito orgulhosos! Não aprendemos conforme asseverava o Cristo a retribuir o mal com o bem. Ainda nos falta saber agir na Terra e não apenas reagir na mesma intensidade ao que nos fazem, respaldando a lei física, como se fôssemos apenas um emaranhado de matéria inerte ocupando lugar no espaço.

Como seres viventes, que marchamos para a perfeição pertinente à criatura humana alcançar, temos que aprender a lição da humildade, ensinada por Jesus, como a maior de todas as virtudes, pois, liberta-nos das rugas, ódios, rancores que nos infelicita a caminhada na direção do bem. Mas, perdoar sem olhar a quem. Paulo, apóstolo, no mesmo capítulo, item 15, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, na mensagem recebida em Lião no ano de 1861, fala-nos que “perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era”. E sendo nosso destino a melhora progressiva, a prática do perdão, como uma das mais belas formas de caridade, alça-nos rapidamente nas esteiras do bem caminhar na direção do Alto.

A condição do verdadeiro perdão é o esquecimento. Mas não sejamos hipócritas ao ponto de dizermos que já conseguimos isso com todos os que nos ofendem. Aliás, Emmanuel, no livro “O Consolador” (ed. FEB), na questão 340, esclarece - “Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar à vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; entretanto, *para o Espírito Evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos (...)*”. (Grifos nossos). A própria Lei da Reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pode preparar a alvorada da redenção.

Perdoar para nós é uma necessidade, pois o ofensor de hoje, não raro, foi o ofendido de ontem pedindo-nos a reparação das nossas faltas. E só o perdão é capaz de quebrar essa “cadeia” de infelicitações, que pelo orgulho tende a se estender por longas eras.

Se não somos capazes de perdoar aos que nos ofendem, como poderemos nos postar diante de Deus, rogando a Ele o seu perdão para as nossas faltas?

Temos que ser indulgentes com as imperfeições alheias, já que também necessitamos de indulgência para as nossas. Pois, como afirma São Francisco de Assis: “É dando que se recebe. *É perdoando que se é perdoado*”.

Aprendamos que pela Lei do Amor não devemos julgar a ninguém pelas

suas atitudes, mas observar constantemente as nossas próprias imperfeições para, através da vigilância e da oração, não cairmos em tentação. ■

FEB/CFN - Comissões Regionais

Reunião da Comissão Regional Centro

A Federação Espírita do Estado de Mato Grosso recebeu em sua nova e confortável sede, para a Reunião Ordinária deste ano, nos dias 26, 27 e 28 de junho, as Federativas dos Estados que integram a Comissão Regional Centro do Conselho Federativo Nacional da FEB. Compareceram 100 participantes, representando as seguintes Entidades: Federação Espírita do Distrito Federal (8 participantes); Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (8); Federação Espírita do Estado de Goiás (10); Federação Espírita do Estado de Mato Grosso (44); Federação Espírita de Mato Grosso do Sul (9); União Espírita Mineira (7); e Federação Espírita do Estado do Tocantins (14).

A delegação da Federação Espírita Brasileira contou com 11 integrantes: os Vice-Presidentes Nestor João Masotti (Coordenador das Comissões Regionais) e Altivo Ferreira (Assessor); os Diretores José Carlos da Silva Silveira, Marta Antunes de Oliveira Moura e Rute Vieira Ribeiro; Merhy Seba, Assessor de Comunicação Social, Valter Borges de Oliveira, Secretário da C. R. Centro, e as colaboradoras Júlia Nezu de Oliveira, Márcia Carime A. Borges, Maria Euny Herrera Masotti e Maria Túlia Bertoni.

ABERTURA

Os trabalhos tiveram início às 19h30min de sexta-feira; dia 26, com prece preparatória do ambiente, apresentação dos componentes das delegações e considerações gerais do Coordenador Nestor João Masotti. Em seguida, começaram as reuniões setoriais.

REUNIÃO DOS DIRIGENTES

Participaram dessa reunião: pela FEB- Nestor João Masotti e Altivo Ferreira; pelas Federativas Estaduais, os seus Presidentes: Distrito Federal - César de Jesus Moutinho (Representante, FEDEF); Espírito Santo - Marcelo Paes Barreto (FEEES); Goiás - Weimar Muniz de Oliveira (FEEGO); Mato Grosso - Lacordaire Abrahão Faiad (FEEMT); Mato Grosso do Sul - Jeronymo Gonçalves da Fonseca (FEMS); Minas Gerais - Pedro Valente da Cunha (UEM); e Tocantins - Leila Ramos (FEETIS); além de diversos assessores. Os trabalhos foram secretariados por Valter Borges de Oliveira.

A reunião foi iniciada com uma exposição, por Mato Grosso, ilustrada com projeção na tela (programa *Power Point*) da metodologia adotada nas entrevistas com os trabalhadores das Casas Espíritas - Técnica da OVCE (Ouvindo a Voz das Casas Espíritas) -, como antecipação ao assunto incluído na pauta para estudo.

Os trabalhos prosseguiram na manhã de sábado, dia 27, com a leitura e aprovação da ata anterior e a avaliação do trabalho decorrente dos assuntos tratados na reunião de agosto de 1997: "Programas de apoio ao Centro Espírita sobre estudo, educação e prática da mediunidade". Os representantes das Federativas relataram suas experiências e atividades desenvolvidas junto às Casas Espíritas para o aprimoramento da prática mediúnica.

O tema principal - "Preparação de Trabalhadores para as Atividades

Espíritas”- foi amplamente discutido, a partir da apresentação, na véspera, da Técnica da OVCE, por Mato Grosso. O Espírito Santo também trouxe a sua contribuição com o Projeto “Qualidade na Preparação de Trabalhadores”, ilustrado na tela através do processo *Data-Show*. Outras Federativas relataram sua experiências, ficando evidenciado que em toda a Região há consenso quanto à necessidade de investir na preparação dos trabalhadores da seara espírita.

SESSÃO PLENÁRIA

Os participantes da Reunião Ordinária reuniram-se na manhã de domingo, dia 28, para a conclusão dos trabalhos. Os coordenadores das Áreas específicas expuseram as atividades ocorridas em seus respectivos grupos, assim sintetizadas:

a) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira. Com a presença de todas as Federativas da Região, que relataram suas atividades e experiências relativas ao SAPSE, a reunião tratou do assunto da pauta: “Manual de Apoio para as Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita - SAPSE”. O projeto do Manual oferecido pela FEB foi amplamente discutido, trazendo a Federativas sugestões valiosas para o seu aprimoramento. Foi debatida e aprovada proposta da Comissão Regional Sul no sentido da inclusão do livro da USE-SP “Serviço Assistencial Espírita”, propondo-se que a organização do Manual fique a cargo de uma Comissão com integrantes de todas as Regiões. Quanto ao Cadastro de Entidades e Atividades Assistenciais, houve o exame e aprovação do modelo de questionário cadastral apresentado pela FEB.

b) Área de Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba e assessorada por Júlia Nezu de Oliveira. Participaram da reunião todas as Federativas da Região, cujos representantes relataram as atividades relativas à área de CSE, percebendo-se que as entidades federativas vêm desenvolvendo o trabalho crescente no setor. Quanto à *Campanha de Divulgação do Espiritismo*, todos foram unânimes em afirmar o propósito de dar continuidade ao processo de sua divulgação. Foram apreciados dois temas de estudo desenvolvidos pela equipe da CSE: “A Importância do Público Alvo para o processo de Comunicação Social Espírita”, indicado para 1997; e “Formação de Equipes Permanentes: Princípios e Motivação”, que será abordado novamente na reunião de 1999.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni e assessorada por Márcia Carime A. Borges. Compareceram todas as Federativas e suas atividades na área do ESDE foram relatadas pelos respectivos representantes. De acordo com a pauta, foi ministrado o Curso para Monitores por expositores da FEB e das Federativas de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul. O Curso foi avaliado por meio de um questionário e apresentou resultado satisfatório. A FEB distribuiu, a título de subsídio, material relativo às atividades desenvolvidas no seu Campo Experimental de Brasília e a apostila do Curso de Expositores, revista e ampliada, além de um questionário para levantamento de dados do ESDE a ser devolvido na próxima reunião, cujo tema será: “Metodologia de Estudo - Importância do estudo; como estudar, bibliografia: seleção de obras; pesquisa”.

d) Área da Atividade Mediúnica e Assistência Espiritual, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura e assessorada por Maria Euny Herrera Masotti. Compareceram todas as Federativas da Região, que apresentaram relatos de suas atividades. Foi discutido o assunto da pauta: “Programa de apoio destinado ao Estudo, Educação e Prática das Atividades Mediúnicas nos Centros Espíritas”.

A partir da apresentação pela União Espírita Mineira do Projeto P.Q.A.M. - "Qualidade nas Atividades Mediúnicas"-, os representantes das demais Federativas trouxeram suas contribuições acerca do tema, com distribuição recíproca de documentos e material didático, sendo que a FEB entregou a apostila do Curso de Iniciação Mediúnica, lançada em abril deste ano. O grupo estudou, ainda, os capítulos IV, V, VI e XI do opúsculo "Orientação ao Centro Espírita", relacionados com a área mediúnica. Os assuntos para a próxima reunião compreendem: "Avaliação da metodologia e do conteúdo programático da apostila 'Iniciação Mediúnica', da FEB" e "Propostas de organização de um Departamento de Mediunidade e Assistência Espiritual, visando à elaboração de um documento que contenha critérios para a unificação das atividades da Região Centro".

e) Área de Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com a presença dos Diretores de DIJs das sete Federativas da Região, os quais expuseram as atividades desenvolvidas em seus Estados. Discutido o assunto da reunião - "Integração do DIJ com os demais Departamentos da Federativa Estadual e dos Órgãos Regionais" - os participantes foram unânimes em considerar a experiência positiva, pois se depararam com uma situação inusitada, que era a de analisar com outros departamentos questões tão específicas do DIJ. Na próxima reunião esse tema continuará a ser discutido, trabalhando a implantação e avaliação dos projetos já elaborados e apresentados neste encontro. Como último item da pauta, fez-se a avaliação do III Encontro Nacional de Diretores de DIJs e de seu desdobramento em cada Estado.

Em prosseguimento, o Secretário da C. R. Centro, Valter Borges de Oliveira, relatou os aspectos principais da Reunião dos Dirigentes.

ENCERRAMENTO

Fazendo as considerações finais sobre os trabalhos da Comissão, o Coordenador Nestor João Masotti comunicou a escolha da cidade de Campo Grande para sediar a reunião de 1999, no período de 25 a 27 de junho, quando serão tratados dois assuntos: 1. Avaliação das Atividades de Apoio ao Centro Espírita; 2. Sustentação das Atividades Federativas. Com a palavra, os representantes das Federativas fizeram suas despedidas, sendo a reunião encerrada com prece proferida pelo Presidente da Federativa de Mato Grosso do Sul, anfitriã do próximo encontro. ■

XIII CEERJ

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ) realizou nos dias 15 e 16 de agosto a XIII Confraternização Espírita do Estado do Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II, bairro de São Cristóvão, reunindo cerca de 900 dirigentes de mais de 450 Instituições Espíritas adesas à USEERJ.

A abertura da XIII CEERJ, pelo Presidente Gerson Simões Monteiro, ocorreu às 13 horas do dia 15, em amplo auditório. Após a saudação do Presidente da Federação Espírita Brasileira, Juvanir Borges de Souza, que enfocou o tema central da confraternização - “Evangelização Espírita Infanto-Juvenil. É hora de pensar” -, Cecília Rocha, Vice-Presidente da FEB, proferiu a palestra - “A FEB e a Evangelização”.

Seguiram-se os debates e estudos sobre o tema, dividindo-se os participantes em diversos grupos que ocuparam as salas de aulas do Colégio, até às 14 horas do dia seguinte, com as atividades finais e o almoço de confraternização. ■

A FEB na Internet

Para que nossos leitores possam manter-se atualizados a respeito dos trabalhos desta Federação na Internet, relacionamos os dados que retratam, embora resumidamente, os avanços realizados nestes vinte e seis meses de atividade:

- *Site* presente na rede desde maio/96, contando hoje com 50 páginas programadas em html;
 - Recebe hoje aproximadamente 6.000 visitas/mês na página principal do *site*, que se desdobram em 135.000 hits (mês de junho/98);
 - 19 obras espíritas disponíveis em formato pdf (4 idiomas);
 - REFORMADOR - Edição Internet;
 - Livraria Espírita Virtual - 400 títulos disponíveis com pesquisa por autor e título e possibilidade de compra através da rede;
 - Relação de Apostilas do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), do Departamento de Infância e Juventude (DIJ) e das Fitas de Áudio e Vídeo do Congresso Espírita Mundial/95;
 - Total de 3.000 *E-mails* recebidos/respondidos.
-

Seara Espírita

BAHIA: ENCONTRO DE DIRIGENTES ESPÍRITAS

A Federação Espírita do Estado da Bahia realizou, nos dias 18 e 19 de julho, o Encontro Confraternativo de Dirigentes Espíritas, reunindo 915 representantes de 190 Centros Espíritas do Estado. A sessão de abertura, no sábado à tarde, ocorreu na sede da FEEB, com palestra de Rui Diamantino, ocasião em que foi prestada significativa homenagem a Cecília Rocha, Vice-Presidente da FEB, pela sua total dedicação à causa da Evangelização Espírita da Infância e da Juventude. Os trabalhos prosseguiram no domingo, na sede do Centro Espírita Caminho da Redenção. Paralelamente, no auditório da Mansão do Caminho, Cecília Rocha lançou o novo *Currículo* para mais de uma centena de Evangelizadores da Capital e do interior. Divaldo Pereira Franco proferiu duas conferências no Encontro.

*

RIBEIRÃO PRETO (SP): FEIRA VENDE 17.000 LIVROS ESPÍRITAS

A USE Intermunicipal de Ribeirão Preto promoveu a 25ª Feira do Livro Espírita, de 4 a 11 de julho, na esplanada do Teatro Pedro II, tendo exposto 24.000 livros e cerca de 1.200 títulos. Foram vendidos 17.097 livros, colocando-se em primeiro lugar “O Evangelho segundo o Espiritismo” com 1.266 exemplares e, em segundo, “O Livros dos Espíritos” com 387.

*

ESTÔNIA: CENTRO ESPÍRITA AMOR

Foi fundado em Vosu o “Spirita Centro Amo”, que promove regularmente reuniões públicas de estudos doutrinários e, em julho passado, realizou dois seminários com estudo dos temas: “O Homem e a Natureza” e “O Homem e Deus”. Sua direção está interessada em manter intercâmbio, em Esperanto, com instituições espíritas. Eis seu endereço: Str. Rakvere 9 - EE-2126 Vosu - Estônia. Telefax: 332-9911 (SEI)

*

CEARÁ: ENCONTRO COM BEZERRA

O Centro Espírita Francisco de Assis, de Fortaleza, sediou nos dias 28 e 29 de agosto o “Encontro com Bezerra”, dedicado ao inolvidável Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, com as seguintes palestras: “Bezerra e o Espiritismo”, “Bezerra, o Médico dos Pobres”, “Bezerra, o Político”, “Bezerra, o Espírito” e “Bezerra, Um Exemplo de Vida”. Funcionaram no local, durante o evento, uma Feira de Livros Espíritas, uma exposição de fotos de Bezerra de Menezes e espaço especial para o Pólo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes, em Jaguaratama. (C.E.)

*

BRASÍLIA: FÓRUM DE ESPIRITISMO

Será realizado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, de Brasília, de 27 a 29 de novembro deste ano, o 2º Fórum nacional de Espiritismo, promovido pela Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE), com o apoio da Federação Espírita do Distrito Federal, cabendo a sua organização à Associação de Divulgadores do Espiritismo do Distrito Federal (ADE-DF). A conferência de abertura, por Divaldo Pereira Franco, versará sobre o tema: “Espiritismo: Megatendência da Cultura deste final de século”.

*

ESPÍRITO SANTO: JORNADA MÉDICO-ESPÍRITA

A Associação Médico-Espírita do Estado do Espírito Santo e a Federação Espírita do Estado do Espírito Santo promovem no Centro de Convenções do Alice Vitória Hotel, em Vitória, de 23 a 25 do corrente mês, a II Jornada AME-ES, com o tema central “A Evolução do Ser”, tendo a participação de conferencistas de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. A abertura será feita pela Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, Presidente da AME-Brasil, com palestra sobre “Os Caminhos do Ser Através da Evolução”.

*

INGLATERRA: PSYCHIC WORLD COMEMORA 150 ANOS

O jornal Londrino *Psychic World* comemorou, no último mês de abril, 150 anos de Espiritualismo com um suplemento especial. As personalidades homenageadas, por sua importância na divulgação dos princípios espiritualistas, foram as seguintes: Allan Kardec, Catherine e Margaret Fox, Arthur Findlay, Maurice Barbanell, Sir Oliver Lodge, Sir Conan Doyle, Gordon Higginson e Emma Hardinge Britten. Janet Duncan, do *Allan Kardec Study Group*, escreveu um artigo especial sobre a vida e a obra de Allan Kardec. (F.E.)

*

CINQUENTENÁRIO DO CONGRESSO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) e a União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ) comemoraram o Cinquentenário do 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil com uma “Visita Fraternal”, no dia 18 de julho, à obra de Leopoldo Machado em Nova Iguaçu (RJ).

■